

OXIGÊNIO

DEZEMBRO 2023

o

NÚMERO 52



O QUE SE PASSA

EDITORIAL

Três grandes exposições, que ocupam o Paço Imperial no Rio de Janeiro até 24 de março de 2024, são os destaques da Oxigênio dezembro.

O que se passa, do fotógrafo Rogério Reis – matéria de capa dessa edição – exhibe o olhar poético do artista e mostra a interação do fotógrafo com o Rio, sua cidade natal. Os trabalhos inéditos foram produzidos desde o período da pandemia e revelam vestígios da cultura visual à beira da orla carioca.

Entroncados, Enroscados e Estirados, de Ana Holck, inaugura um novo momento na trajetória da artista. Resultado de novas pesquisas, os trabalhos das três séries que dão nome à mostra – produzidos com porcelana e fitas maleáveis de aço inox – transitam entre a ideia de pintura e escultura.

Iole de Freitas, anos 1970 / Imagem como presença, por sua vez, exhibe obras pouco conhecidas pelo público brasileiro. Datam da época em que a artista morava em Milão, abordam temas como movimento e a passagem do tempo. Em 18 sequências fotográficas, 9 filmes e 3 instalações, a mostra exhibe um dos trabalhos mais originais da geração da artista, numa interseção entre bodyart, performance e filme experimental.

Boa leitura, feliz Natal!

Capa: Foto de Rogério Reis - Exposição *O que se passa* – Paço Imperial, Rio de Janeiro

Jornalista Responsável: Vera Matagreira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone
Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

(21) 97326-6868 / 3807-6497 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com
ANUNCIE, ENVIE SUGESTÕES DE PAUTA, COLABORAÇÕES, IMAGENS, PUBLIREPORTAGENS.

ÍNDICE

04

OXIGENE: “*Laia e o voo da imaginação*” estreia temporada gratuita em São Paulo | Ana Beatriz Nogueira em solo “*Um dia a menos*” | *Hoje, Godot não vem!*

13

MATÉRIA DE CAPA: A praia de Rogério Reis

18

Iole de Freitas no Paço Imperial, Rio de Janeiro

22

Fábio Miguez – Construtor de Memória

26

“*Ah, eu amo as mulheres brasileiras!*”

30

“*Renata Cazzani: Pulsações Cromáticas*”

33

Ultramar, de Kika Carvalho, na Casa Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro

37

Eixos, retrospectiva de Jarbas Lopes, na Pinacoteca de São Paulo

40

“*Corpo Formoso*”, de Yoko Nixhio, no Museu da República, Rio de Janeiro

44

Tornar-se ORLAN

49

Marcelo Conceição: Deslocamentos e travessias na nova Galeria no Museu do Pontal, RJ

52

Entroncados, enroscados e estirados – Exposição inédita de Ana Holck, no Paço Imperial, RJ, inaugura nova fase da trajetória da artista

57

DIRETO DE LONDRES: Na Tate Britain, *Happy Gas*, retrospectiva da provocativa Sarah Lucas



Foto: Marina Decourt

“LAIA E O VOO DA IMAGINAÇÃO” estreia temporada gratuita em São Paulo

O espetáculo usa a técnica de marionetes de fios para convidar o público a apreciar a delicadeza de pequenos gestos, desacelerar o tempo do cotidiano e viajar em um mundo onde o extraordinário é possível

De 2 a 16 de dezembro, com entrada gratuita, a Cia Tu Mateixa Marionetes ([@ciatumateixa](#)) realiza temporada gratuita de apresentações de “Laia e o Voo da Imaginação” em centros culturais de São Paulo, além da oficina gratuita *Dando Vida à Matéria – Princípios da Manipulação de Bonecos*.

“Laia e o Voo da Imaginação” é protagonizado por Júlia Barnabé ([@juliabarnabe](#)) e por Laia, uma marionete de 20 fios e olhos articulados, construída à mão em madeira pela própria artista que, em cena, faz pinturas ao vivo e encanta pessoas de todas as idades com sua ternura e vivacidade.

Um espetáculo sem falas, que busca refletir sobre o amor e suas delicadezas através do jogo de afeto e cumplicidade que se estabelece entre marionete e marionetista, promovendo uma fusão entre o real e o imaginário no universo infantil. A trilha sonora é original, composta pelos musicistas Danielle Siqueira e Danilo Rodrigues.

No dia 2 de dezembro (sábado), às 14h, o espetáculo será apresentado no Centro de Memória do Circo. No domingo, dia 3, a apresentação será às 11h, na EMEF Palimércio de Rezende, Zona Sul. No dia 6 de dezembro (quarta-feira), às 19h, será exibido no Espaço Sobrevento, Zona Leste.

No sábado, dia 9 de dezembro, às 15h, a apresentação acontece no Centro Cultural Santo Amaro, Zona

Sul; domingo, dia 10, na Casa de Cultura Butantã, Zona Oeste. A temporada, que se encerra no dia 10 de dezembro, às 15h, no Centro Cultural Vila Formosa, Zona Leste; terá ainda vinte apresentações gratuitas em Núcleos de Convivência do Idoso (NCI) na capital paulista.

"Laia e o Voo da Imaginação" já foi apresentado em festivais no Brasil e ao redor do mundo, passando pela França, Suíça, Itália, Bélgica, Espanha, Portugal, Eslovênia, Rússia, Argélia e Paraguai. Sua última apresentação internacional foi em outubro, no Festival *Awaji Art Circus*, no Japão. A montagem recebeu o Prêmio de 1º lugar no Festival de Cenas Teatrais de Santos FESTECE (2021) na categoria monólogo, foi contemplado no Prêmio Cleyde Yáconis (2019) e no Fomento ao Circo (2022), ambos da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

Foto: Rogener Pavinski



SOBRE JÚLIA BARNABÉ

Formada em pedagogia Jacques Lecoq de Teatro Físico na escola *Estudis Berty Tóvías* e em confecção de marionetes de fios na Casa-Taller de Marionetas de Pepe Otal, na Espanha, Júlia Barnabé estudou construção de marionetes com o inglês Stephen Mottran, na Itália, manipulação de marionetes de fios com Angel Navarro, na Espanha, e seu principal tutor foi o catalão Lope de Alberdí. Integrou o *Buzum!* da Cia Pia Fraus, e faz parte do coletivo Casa das Marionetistas Livres, a Rede de Bonequeiras Brasileiras, da organização Palhaços Sem Fronteiras Brasil, e Cia Cromossomos.

Em 2023, participou como atriz-manipuladora de bonecos no espetáculo *"Pedro e o Lobo"* com a Orquestra Experimental de Repertório no Theatro Municipal de São Paulo, com direção de Muriel Matalon, narração de Sandra Annenberg, bonecos de Marco Lima e produção da Híbrida Arte e Cultura. Fundou a Cia Tu Mateixa Marionetes em 2014. No repertório estão as peças *"Laia e o Voo da Imaginação"* e *"Gabinete de Curiosidades"* (criado em parceria com Rocío Walls e com direção de Carla Candiotto).

As ações são do projeto contemplado na 7ª Edição do Fomento ao Circo da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

SINOPSE

Laia é uma criança fascinada por pássaros e pinturas que, ao despertar em seu quarto, apresenta o mundo fantástico de seus brinquedos, embarcando em uma viagem pelas infinitas possibilidades da sua imaginação. Quando pinta no papel um pôr do sol com gaivotas planando ao redor, ela se torna capaz de voar e, em meio aos seus devaneios, interage e surpreende o público com suas habilidades.

Duração: 35 minutos | Grátis | Classificação Livre

INFORMAÇÕES

www.ciatumateixa.com.br

Teaser do espetáculo *"Laia e o Voo da Imaginação"*:

https://youtu.be/D_K9UL3MLrY

Oficina:

"Dando Vida à Matéria – Princípios da Manipulação de Bonecos"

Com Cia Tu Mateixa Marionetes

Sinopse: A oficina aborda a História do Teatro de Marionetes e sua diversidade, além de apresentar diferentes tipos de marionetes que integram o elenco da companhia, compartilhando distintas técnicas de manipulação e possibilidades de criação com marionetes. Os participantes irão construir sua própria marionete e desenvolver um trabalho pessoal.

Duração: 2 encontros – 6 horas

Grátis - Classificação: acima de 8 anos

Inscrições: no local ou por email

ciatumateixa@gmail.com

Quando: 7 e 8 de dezembro (terça e quarta-feira)

Horário: das 19h às 22h

Onde: Espaço Sobrevento – Endereço: R. Cel. Albino Bairao, 42, Belenzinho, São Paulo / SP

Foto: Nego Fotografia





Ana Beatriz Nogueira em solo "UM DIA A MENOS"

*Baseado em conto de
Clarice Lispector,
sob a direção e adaptação
de Leonardo Netto,
montagem fica em cartaz
no Teatro das Artes, RJ,
até 20 de dezembro*

Com humor e fina ironia, o conto "Um Dia a Menos", de Clarice Lispector (1920-1977), é transportado para o palco nesta adaptação de Leonardo Netto estrelada por Ana Beatriz Nogueira. O solo é um dos últimos trabalhos da célebre escritora e foi escrito exatamente no ano de seu falecimento. A peça conta a história de uma mulher solitária, que, sem se dar



Foto: Cristina Granato

conta, construiu muros altos ao seu redor em vez de pontes, e faz rir e também emociona.

“O que mais me atrai é a humanidade da personagem criada pela autora – uma mulher que tem como árdua a tarefa de atravessar um dia inteiro. É de uma humanidade, repito, reconhecível por todos nós”, explica Ana Beatriz.

Quase que como por um buraco de fechadura, o público acompanha a história de Margarida, às vezes engraçada, às vezes patética. Uma mulher aparentemente normal, que vive só desde que sua mãe morreu na mesma casa onde nasceu e cresceu.

A funcionária doméstica da vida inteira está de férias, não há mais ninguém por perto, e ela tem diante de si a árdua tarefa de atravessar mais um dia inteiro sozinha, dentro de casa. Então, cumpre seus rituais diários, esquentar sua comida, almoça, torce para que o telefone toque, e vai buscando o que fazer até a hora do jantar, quando finalmente anoitece e pronto, um dia a menos. Esgotada pela repetição infinita, Margarida sofre uma catarse inesperada.

Utilizando uma poltrona, uma mesa de apoio e um telefone, Ana Beatriz Nogueira faz com que o público enxergue uma casa inteira. Para o diretor Leonardo Netto, essa escolha bem minimalista foi um caminho assertivo na montagem.

“Um Dia a Menos”, além de um espetáculo complexo na sua simplicidade, é também uma reafirmação da crença no poder de comunicação do teatro que sobrevive a todas as crises porque pode abrir mão de tudo, menos do humano. Ainda temos muito o que entender sobre nós mesmos, e esperamos estar contribuindo de alguma forma”, torce Leonardo.

ANA BEATRIZ NOGUEIRA

A atriz carioca estreou profissionalmente no longa *“Vera”* (lançado em 1987), dirigido por Sérgio Toledo. Por este trabalho, aos 20 anos, foi premiada, entre outras láureas, com o Urso de Prata no Festival de Berlim, prêmio dado somente a três brasileiras – além dela, Marcélia Cartaxo e Fernanda Montenegro.

Desde então, contabiliza diversos outros prêmios, mais de uma dezena de filmes, 29 trabalhos na televisão, 17 peças de teatro. Como diretora, além de peças, dirigiu shows de Zélia Duncan e Leila Pinheiro, clipes e curtas-metragens.

Em 2020, foi idealizadora do projeto pioneiro *Teatro Já*, no então Teatro Petra Gold / RJ, que marcou a volta das primeiras peças depois do início da pandemia, em transmissão ao vivo do palco do teatro; e do *Teatro Sem Bolso*, onde apresentou peças e shows em transmissões ao vivo ou pré-filmadas diretamente do palco que construiu em sua própria casa.

Pela relevância destas iniciativas, ganhou o título de Carioca do Ano de 2020 pela Revista Veja Rio, e uma indicação ao Prêmio Faz Diferença, do jornal O Globo. Recentemente esteve no ar na novela *“Todas as Flores”*, de João Emanuel Carneiro, na TV Globo, e em cartaz protagonizando a peça *“Sra. Klein”*, ao lado de Natalia Lage e Kika Kalache, que retorna em janeiro de 2024.

Foto: Cristina Granato



LEONARDO NETTO

Ator, diretor e dramaturgo. Estreou em 1989 na montagem de *“Se Correr o Bicho Pega, Se Ficar O Bicho Come”*, de Oduvaldo Vianna Filho. Integrou por três anos o Centro de Demolição e Construção do Espetáculo, companhia estável dirigida por Aderbal Freire-Filho. Seus trabalhos mais recentes incluem *“A Santa Joana dos Matadouros”* (direção de Marina Vianna e Diogo Liberano) e *“Entonces Bailemos”* (texto e direção do dramaturgo argentino Martín Flores Cárdenas) e a minissérie *“Assédio”*, de Maria Camargo, na Rede Globo. Participou de diversos filmes e dirigiu, entre outros, os espetáculos *“A Guerra Conjugal”*, de Dalton Trevisan; *“O Bom Canário”*, de Zacharias Helm; *“Para Os Que Estão em Casa”* e *“A Ordem Natural das Coisas”*, estes dois últimos de sua autoria.

SERVIÇO

Um dia a menos – Ana Beatriz Nogueira

Até 20 de dezembro

Teatro das Artes

Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º piso,
Shopping da Gávea, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2540-6004

Horário: quartas, às 20h

Preços: R\$ 80 (inteira) e R\$ 40 (meia)

Capacidade: 418 espectadores

Duração: 50 min | Classificação: 14 anos



HOJE, GODOT NÃO VEM!

Com linguagem de bonecos, espetáculo infantil reflete sobre o tornar-se adulto.

Espectáculo da Cia Caravan Maschera Teatro faz temporada gratuita na CAIXA Cultural SP entre 2 e 10 de dezembro

Foto: Flávia Hiroki

Reflexões sobre o amadurecimento – a partir do texto clássico de Samuel Beckett, *Esperando Godot* –, são o ponto de partida do sensível espetáculo infantil *Hoje, Godot Não Vem!*, da Cia Caravan Maschera de Teatro. Na trama, duas crianças estão no deserto acompanhadas de uma árvore solitária, à espera de Godot. Enquanto aguardam, sem saber direito o que ou quem é Godot, os pequenos passam a refletir sobre tornar-se adulto e o ato da espera.

“Durante a pandemia de Covid-19, a ideia da espera transmutou todos os indivíduos para sempre. Isso aumentou a nossa vontade de falar sobre o fato de que ‘as gaiolas estão em todos os lugares, mas nem sempre se pode ver até onde as grades alcançam’. Afinal, no período de confinamento, todos ficamos ansiosos pela liberdade”, conta o diretor Leonardo Garcia Gonçalves.

TORNAR-SE ADULTO

Com essas questões em mente, o diretor e autor da adaptação começou a pensar sobre o impacto de uma longa espera nas crianças. Leonardo se lembrou, por exemplo, de que, na infância, sempre ganhava sapatos maiores do que os seus pés, para que eles pudessem ser usados por mais tempo. *“Eu ficava muito angustiado e um dia fiz várias perguntas para a minha mãe: e se eu não crescer o bastante? Ou se eu crescer mais do que os sapatos? E se os sapatos me apertarem quando eu crescer?”*, afirma.

Em meio às reminiscências, para o espetáculo *Hoje, Godot Não Vem!*, a Cia Caravan Maschera estabeleceu uma relação entre a espera pelo pé crescer de forma correta e a expectativa de virar logo adulto e ser independente. O coletivo quis adicionar outra camada a essa ansiedade: a pressão que os próprios pais e mães fazem nos filhos, projetando suas angústias e desassossegos na tentativa de controlar o futuro das crianças.

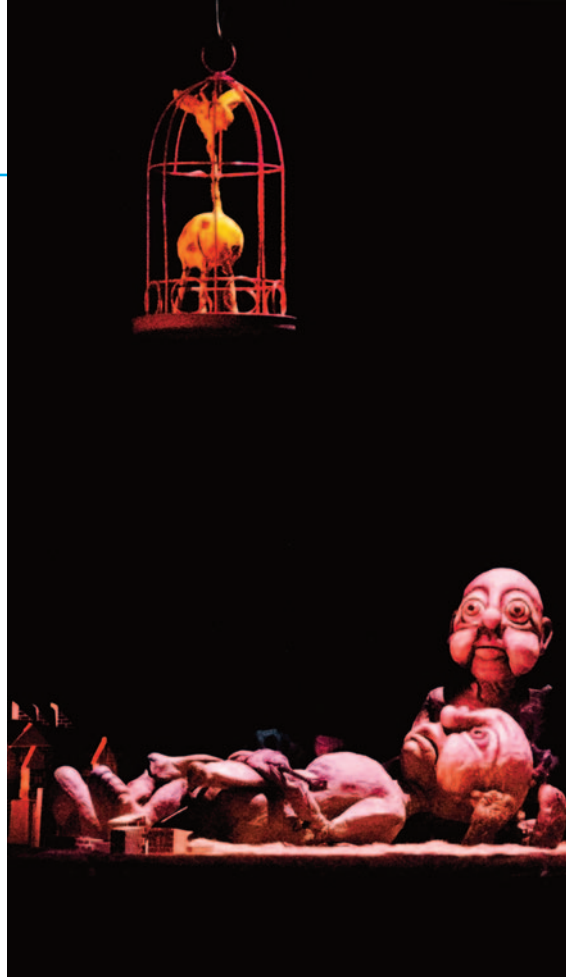


Foto: Flávia Hiroki

Todas essas aflições são trazidas para a cena de maneira lúdica. Por cerca de uma hora, adultos e crianças mergulham em um mundo diferente, regido mais pela subjetividade e menos pela lógica. Trata-se de um momento para dar vazão à intuição e à livre interpretação, essas grandes criadoras de sentidos.

SOBRE A ENCENAÇÃO

O grupo utiliza a linguagem do teatro de bonecos para se conectar com o público, a partir de uma atmosfera enigmática e existencialista da peça. Os personagens são inspirados nas obras do pintor surrealista belga René Magritte e foram todos desenvolvidos por Leonardo Garcia Gonçalves, Giorgia Goldoni, Orlando Talarico e Kledir Salgado.

São nove bonecos construídos para a narrativa. Apenas os dois que representam as crianças que esperam

Godot têm falas (com os atores Leonardo Garcia Gonçalves e Rafael Salgado), dando forma aos seus anseios relacionados à solidão, à morte, ao tornar-se adulto e à autoaceitação. Os outros contribuem para o clima onírico da montagem.

Para potencializar a atmosfera reflexiva e intimista, a Cia Caravan Maschera inclui no cenário projeções em vídeo que exploram a técnica de *stop motion*. Essas imagens foram produzidas pelo Estúdio ANIM'ARTE – Venezia. A luz, desenhada por Corentin Praud, trabalha com a noção de claro e escuro, dando destaque aos bonecos e criando volume a partir de cores distintas. Tons de amarelo e rosa são bastante utilizados.

A trilha sonora original, composta exclusivamente para o espetáculo, é assinada por Rafael Vanazzi, que criou melodias levando em consideração a ideia de tempo dilatado – com alguns momentos de silêncio para deixar espaço para a imagem/ação acontecer. Há também quatro canções com letras de Leonardo Garcia Gonçalves e arranjos criados por Luisa Albuquerque e Rafael Salgado.

SERVIÇO

Hoje, Godot Não Vem!

CAIXA Cultural São Paulo

Praça da Sé, 111, Centro, São Paulo / SP
(próxima à estação Sé do Metrô)

De 2a 10 de dezembro

Horário: quinta, sexta e domingos, às 17h
e sábados às 11h e às 17h

Entrada Franca: os ingressos serão distribuídos 1h antes da peça, limitados a um par por pessoa

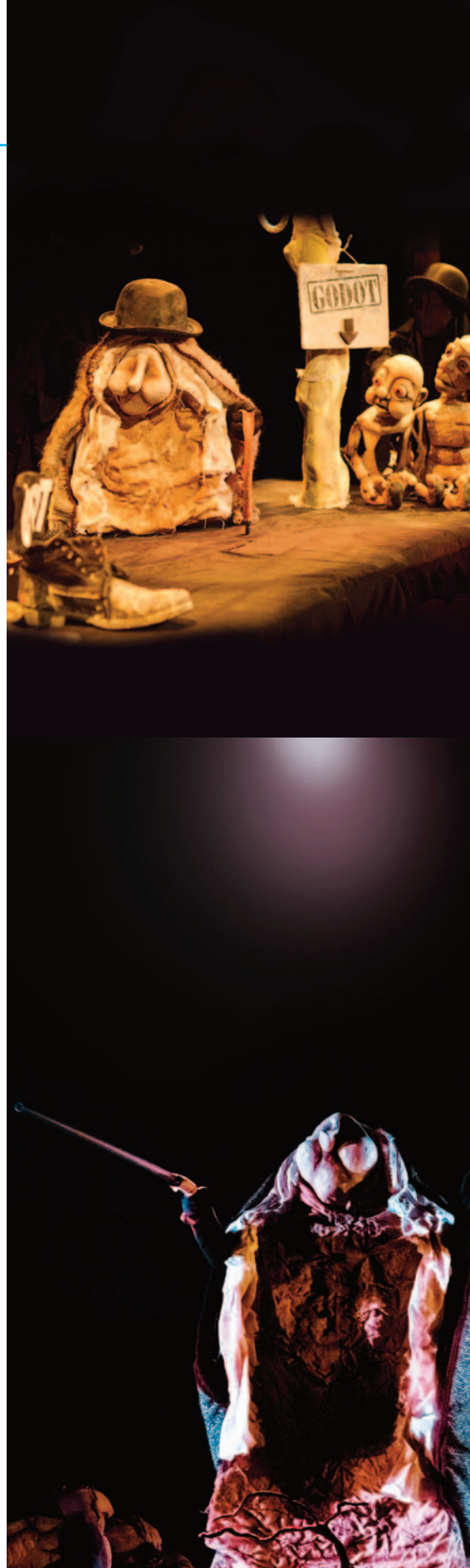
Duração: 65 minutos

Classificação indicativa e/ou Público-Alvo: 10 anos

Acesso a pessoas com deficiência

Informações: (11) 3321-4400 |

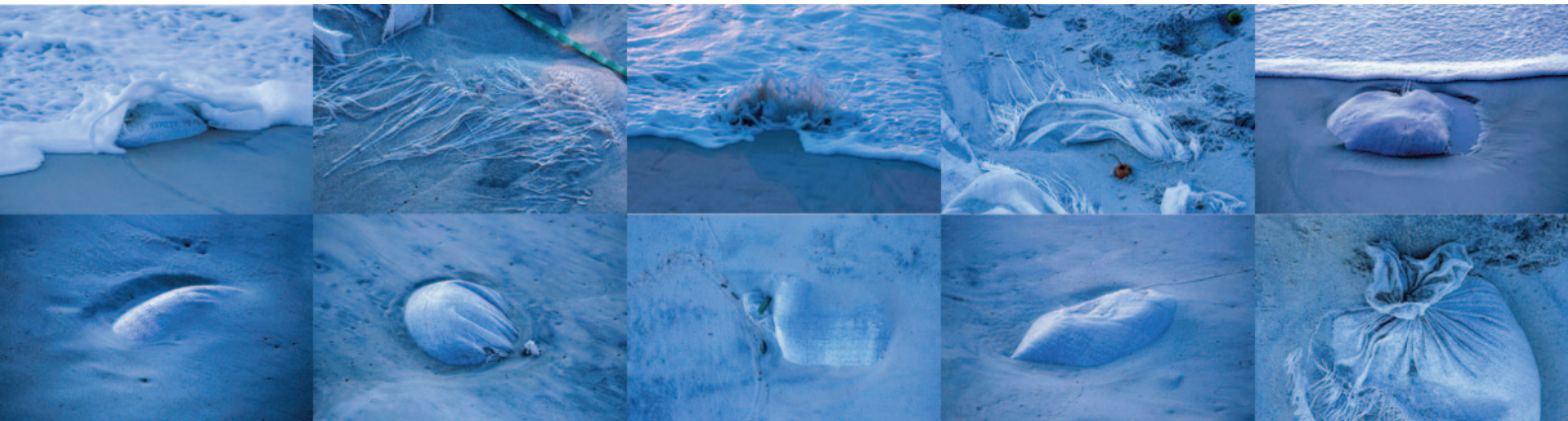
<https://www.caixacultural.gov.br>



Fotos: Flávia Hiroki

A PRAIA DE ROGÉRIO REIS





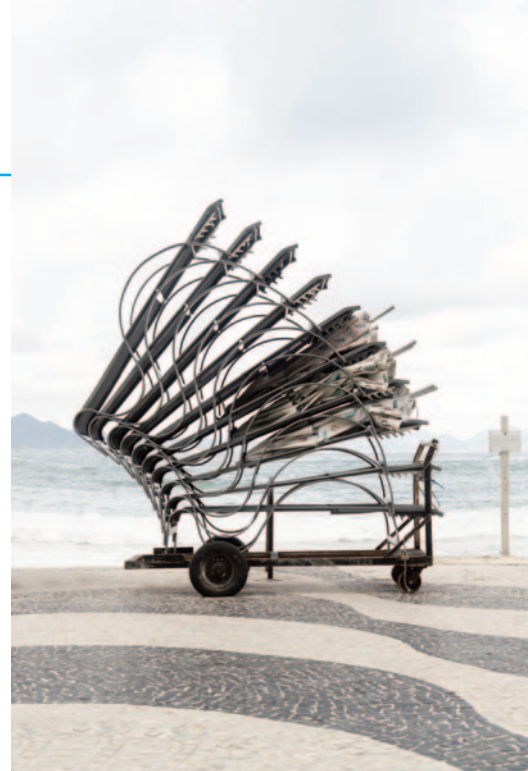
“Ao contrário dos fotógrafos viajantes prefiro interagir com a minha cidade. Nasci no bairro do Engenho Novo, e dividi a minha adolescência entre a Tijuca e a Zona Sul. Minha crise de representação com uma fotografia explícita, literal e maniqueísta, me levou a praticar uma fotografia reflexiva. Ela foi em parte inspirada no olhar desviante de um fotojornalismo simbólico desenvolvido no Jornal do Brasil, no período da ditadura militar, para burlar os censores que só viam o óbvio”.

Rogério Reis

“O que se passa” é o título da exposição inédita do fotógrafo Rogério Reis, em cartaz no Paço Imperial, Rio de Janeiro (2/12 a 24/24). O fotógrafo, que navega entre o fotojornalismo e a arte, no Brasil e no exterior, apresenta suas séries de obras, imagens e filmes mais recentes, que transitam entre o óbvio e o inimaginável. São trabalhos produzidos desde o período da pandemia: registram suas saídas diárias às praias da Zona Sul do Rio de Janeiro e seu envolvimento com as diversas comunidades que frequentam as orlas.

A mostra exhibe mais de 100 obras, divididas em seis séries, e oferece uma visão profunda das interações com a cidade que o artista adquiriu ao longo de seus mais de 45 anos de trajetória. Sua residência artística é a rua e, no contexto desta exposição, as areias das praias cariocas.

“Tenho desinteresse por aspectos contemplativos da paisagem e busco ressignificar o que aparenta ser banal e pouco explorado pela vasta crônica visual das



praias da Zona Sul do Rio de Janeiro. Objetos funcionais, equipamentos esportivos, descartes, vestígios das ressacas e gambiarras que facilitam a vida dos banhistas e profissionais das areias são os protagonistas”, diz Rogério Reis.

Paula Terra-Neale, curadora da exposição, ressalta que Rogério Reis *“não aderiu à arte estritamente engajada em voga quando começou a trabalhar nos anos 1970 – diríamos que sua linguagem estaria talvez mais próxima à poesia marginal e ao movimento de contracultura que surgia com o cinema novo, do que a arte de denúncia; ou seja, tem uma pegada existencialista e crítica, sem ser politicamente dogmática, com foco na liberdade de expressão, e atravessada por um fino senso de humor, de quem não se quer sério”.*

A curadora destaca ainda uma outra característica do fotógrafo: *“Rogério parece investir no propósito de trazer a periferia para o centro, de tornar permanente*

o que é da ordem do precário e do passageiro, de privilegiar o popular ao erudito, com uma abordagem fotográfica decididamente não elitista, direta, aberta, dialógica, informal, pessoal, poderíamos dizer, carioca em essência? Talvez até nos cooptando às potencialidades da cultura popular e praiana, a ginga, o funk, ao estilo libertário de viver”, conclui Paula Terra-Neale.

O que se passa apresenta imagens, vídeo e séries distribuídas em duas grandes galerias do Paço Imperial. A exposição revela o que muitas vezes escapa à nossa atenção, enfatizando a presença de corpos, mesmo quando ausentes. As obras documentam os vestígios da cultura visual e dos rituais das comunidades nômades à beira da orla carioca. As imagens se concentram nas comunidades de trabalhadores que sobrevivem na região costeira, abrangendo vendedores ambulantes e catadores de latas, que são representados nas montagens efêmeras, gambiarras, amarrações e “burrinhos-sem-rabo (carrinhos improvisados para

transporte de objetos) que estão espalhados ou empilhados ao longo da orla.

Além disso, a exposição traz outras comunidades que veem a praia como um espaço exclusivamente de lazer, e até mesmo seres não humanos, como os cachorros. Através da lente de Rogério Reis, esses seres são capturados no ar, em pleno salto, como se ele concedesse asas àqueles que vivem mais próximos do solo, em um gesto de pura liberdade e vitalidade. ´

SOBRE ROGÉRIO REIS

Rogério Reis nasceu no Rio de Janeiro, em 1954, onde ainda vive e trabalha. É fotógrafo independente há quatro décadas. Formou-se em jornalismo pela Universidade Gama Filho em 1978, quando já trabalhava como fotógrafo do Jornal do Brasil. Teve uma breve passagem pelo jornal O Globo no ano seguinte, antes de retornar ao Jornal do Brasil,

onde permaneceu entre 1980 e 1982, passando depois à revista Veja, com a qual colaborou durante os anos de 1983 e 1984. Entre 1985 e 1989 integrou a seção carioca da agência F4 e, no final de 1989 fundou, com Claus Meyer e Ricardo Azoury, o atual acervo Tyba, coletivo de fotógrafos distribuídos pelo vasto território do nosso país. Foi editor de fotografia do Jornal do Brasil (1991-1996) onde dialogou com o projeto gráfico desenvolvido por Amilcar de Castro.

Em 2002, nas suas frequentes interações pela cidade, o seu retrato do poeta Carlos Drummond de Andrade sentado na praia de Copacabana serviu de base para uma escultura de Leo Santana que hoje é uma das referências turísticas do Rio de Janeiro. Rogério inspirou o personagem do fotógrafo de mesmo nome do filme *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, baseado no livro de Paulo Lins.





Seus trabalhos estão presentes em importantes acervos como: Fotografia Latinoamericana em La Fundación Larivière (Jean-Louis Larivière), Paris-Buenos Aires, 2022; Biblioteca Nacional da França, Paris (2021); Chengdu Contemporary Arts Park Museum, China (2017); Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro (2017); Museu Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires (2016); MAR-Museu de Arte do Rio (2015); Maison Européenne de La Photographie, Paris (2014, 2012, 2010 e 2008); MAM-Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro (2002); The Fogg Artmuseum – Cambridge (1999); MAM-Museu de Arte Moderna, São Paulo (1999); Douglas Nielsen Collection no Tucson Museum, EUA (1996); Coleção MASP/Pirelli, São Paulo (1995).

SERVIÇO

“O que se passa” – Rogério Reis

Abertura: sábado, dia 2 de dezembro

Exposição: de 2 de dezembro a 24 de março de 2024

Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Visitação: terça a domingo e feriados de 12h às 18h

www.rogerioreis.com.br



Iole de Freitas no Paço Imperial, Rio de Janeiro



Obras da década de 1970 exploram a imagem como presença em fotos e filmes dos tempos em que Iole viveu em Milão, Londres e Nova York

Na década de 1970, Iole de Freitas vivia em Milão, em um ambiente de efervescência política e cultural; as galerias e museus da cidade mostravam obras da arte povera, da bodyart e da arte conceitual, e artistas mulheres ganhavam inédita proeminência no circuito de arte. Iole, que ficaria conhecida posteriormente sobretudo por sua produção escultórica, vinha de uma experiência de 18 anos com dança contemporânea e começava a se lançar a performances silenciosas, sem audiência, nas quais se fotografava ou se filmava, muitas vezes lidando com a dispersão de sua própria imagem em fragmentos de espelhos. Assim, construía um dos trabalhos mais originais de sua geração, numa interseção entre bodyart, performance e filme experimental.

Pouco conhecidas pelo público brasileiro, as obras de *Iole de Freitas, anos 1970 / Imagem como presença* também abordam temas como o movimento e a passagem do tempo. Organizada e já exibida pelo Instituto Moreira Salles em São Paulo, a exposição apresenta 18 sequências fotográficas, 9 filmes e 3 instalações. A abertura será no dia 2 de dezembro, a partir das 12 horas. Sônia Salzstein assina a curadoria.

Entre as obras presentes, está a série fotográfica *Spectro* (1972), composta por três imagens da artista,

tomadas por ela mesma em ambientes domésticos, como o interior de sua casa ou ateliê. As fotografias mostram Iole a partir de diferentes ângulos, numa investigação dos gestos e formas de um corpo que parece se recusar a ser enquadrado ou domesticado pela câmera, e que interroga múltiplas possibilidades de autorrepresentação.

Os temas da luz, da leveza e da transparência, presentes em *Spectro*, também aparecem nas séries *Jump*



Imagem da sequência *Jump to the other side and win a red kimono* (Atravesse o vidro e ganhe um kimono vermelho), Milão, 1972, Coleção Iole de Freitas

to the Other Side and Win a Red Kimono (1973), na qual a imagem de Iole é capturada no reflexo de uma janela, e *Roots* (1973), que registra os pés da artista.

Outro destaque é a série *Glass Pieces, Life Slices* (1975), apresentada na Bienal de Paris. Nas fotografias, a artista interage com espelhos e objetos que, assim como a câmera, capturam e cortam sua imagem, num jogo de representações que revelam e ao mesmo tempo escondem a figura da artista.

Os filmes *Elements* (1972), *Light Work* (1972) e *Exit* (1973), registrados em super-8, também fazem parte da exposição. A poética do corpo é o cerne desses trabalhos, como pontua Salzstein: “Os versáteis aparelhos super-8, então saudados por artistas por sua leveza e mobilidade, eram experimentados por Iole como extensões de seu corpo, e marcavam o surgimento de uma série de registros audiovisuais dos quais seu corpo emer-

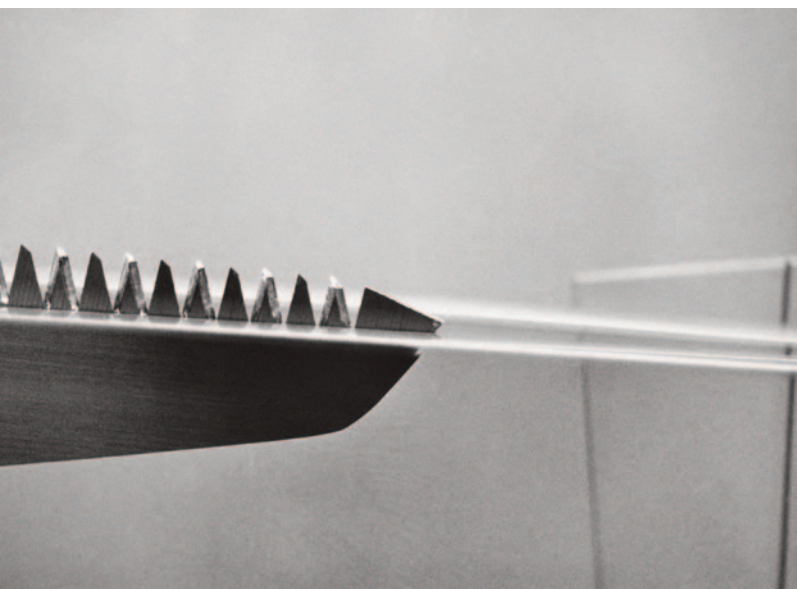
gia potencializado e envolvente, em fragmentos múltiplos, mediante uma linguagem da luz e da presença”.

Foram reconstituídas três instalações para a mostra: *Glass Pieces, Life Slices*, originalmente apresentada na Galeria Giancarlo Bocchi (Milão), em 1976; *Exit*, obra realizada para a individual da artista na Galeria Marconi (Milão), em 1977; e, por fim, *Cacos de vidro, fatias de vida*, que explora projeções de slides da série *Glass Pieces, Life Slices* sobre lâminas de vidro, remetendo ao trabalho dedicado à 16ª Bienal de São Paulo, de 1981.

SOBRE A ARTISTA

Nascida em Belo Horizonte (MG), em 1945, Iole de Freitas mudou-se aos seis anos para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua formação em dança contemporânea. Estudou na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), cidade em que hoje vive e trabalha. A partir de 1970, viveu por

Ambas as obras: Sem título, Rio de Janeiro, 1981, Coleção Iole de Freitas / Fundo Iole de Freitas – Acervo Instituto de Arte Contemporânea



oito anos em Milão, onde começou a desenvolver e expor seu trabalho em artes plásticas a partir de 1973.

A artista participou de importantes mostras internacionais, como a 9ª Bienal de Paris, a 16ª Bienal de São Paulo, a 5ª Bienal do Mercosul e a Documenta 12, em Kassel, Alemanha. Além de comparecerem a individuais e coletivas em várias cidades do mundo, seus trabalhos integram importantes coleções, entre as quais, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP); Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Museu Nacional de Belas Artes, RJ; Museu do Açude, RJ; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio); Museu de Arte do Rio (MAR); Bronx Museum (EUA); Winnipeg Art Gallery (Canadá); e Daros Collection (Suíça).

“Esta exposição traz um panorama das obras que realizei nos anos 70, cujos trabalhos revelam o início de um processo criativo que estruturou sua linguagem na relação, por vezes áspera, por vezes luminosa, entre sujeito e o mundo”, diz Iole. “O entrosamento com o pensamento/atitude feminista se dá a ver nas obras e nas publicações da época, e as experiências estéticas que constituíram estes trabalhos me levaram às primeiras esculturas: os esgarçados e os aramões, realizados no início dos anos 80”, conclui a artista.

SERVIÇO

Iole de Freitas, anos 1970 / Imagem como presença

Abertura: sábado, 2 de dezembro, das 12h às 18h

Visitação: até 24 de março de 2024

Paço Imperial

Praça XV de novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro, RJ

Horário: Terça a domingo e feriados

(exceto segundas), das 12h às 18h

O Paço Imperial estará fechado nos dias

24, 25 e 31/12 de 2023 e no dia 1/1 de 2024

Entrada gratuita



Imagem da sequência *Pés (Feet)*, Milão, 1972, Coleção Iole de Freitas



Fábio Miguez, *Sem título*, 2023

Foto: Flávio Freire

FÁBIO MIGUEZ CONSTRUTOR DE MEMÓRIA

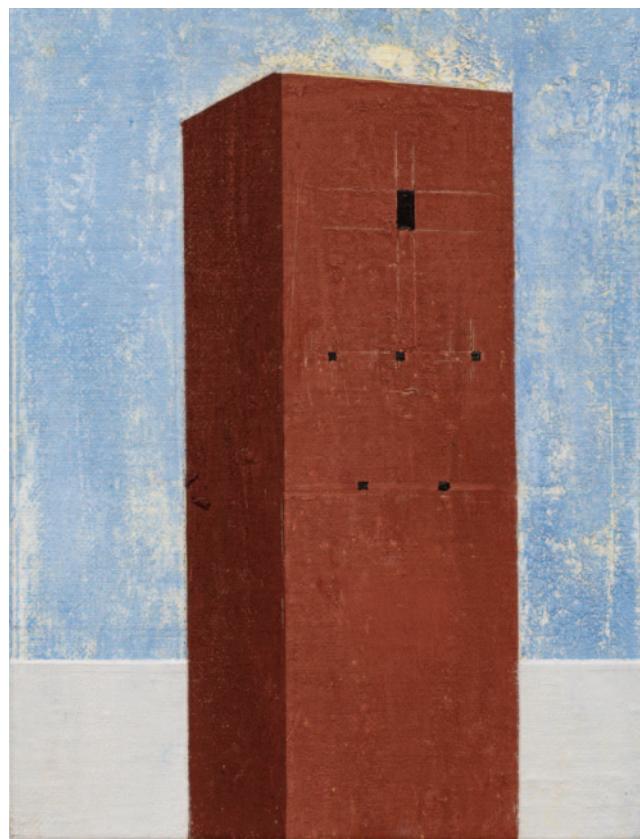
Mostra na Nara Roesler Rio de Janeiro reúne 30 pinturas do artista, realizadas ao longo de 2023 e que representam novos desdobramentos da sua série “Atalhos”

Mais do que o nome de uma série, “Atalhos” é um conceito norteador da prática de Miguez. *“Atalhos permite a junção de trabalhos formando sentenças. Dependendo da vizinhança, eles ganham, inclusive, outro sentido. Essa é a ideia do atalho, a passagem de um campo referencial a outro, que se dá na criação desses conjuntos propondo possivelmente novos sentidos”,* explica o artista.

Nos últimos anos, Miguez tem se dedicado a releituras feitas a partir de fragmentos de obras de mestres renascentistas como Simone Martini, Giotto, Fra Angelico, e Piero della Francesca. Pioneiros no domínio da espacialidade, da perspectiva e do ilusionismo no campo da pintura a partir de fins do século 13, os mestres construíram em suas representações composições inovadoras que incluíam estruturas arquitetônicas complexas, em geral como cenários para acontecimentos de cunho religioso. Ao revisitar essas antigas pinturas, Miguez remove os episódios narrativos das representações, dando protagonismo ao espaço, destacando a geometria presente nos fragmentos deslocados pelo artista.

Ao enfatizar o aspecto espacial das composições pré-renascentistas, o artista também estabelece um ponto de contato entre elementos da história da pintura europeia

com a arte brasileira, em especial os movimentos do século 20 ligados à tradição construtiva, que se detêm com mais profundidade na forma e na espacialidade.



Fábio Miguez, *Sem título (Piero)*, 2023 Foto: Flavio Freire

O segundo atalho da série nos leva a outra dimensão da investigação, que deriva de uma pesquisa iniciada



Fábio Miguez, *Sem título (TBC)*, 2023

Foto: Flavio Freire



Fábio Miguez, *Sem título*, 2023

Foto: Flavio Freire

através da planificação de caixas de papel: por meio dos esquemas por elas obtidos, Miguez passou a observar a estrutura combinatória ali presente, as regras que compunham o conjunto, e as exceções sugeridas por essas regras, por meio das quais o trabalho foi se desdobrando em uma série de possíveis composições e novos arranjos formais.

Essa lógica de combinações, regras e exceções também pode ser observada no modo como os conjuntos de obras estão organizados na exposição. Tanto nos que reúnem as releituras dos mestres quanto no conjunto que reúne as derivas combinatórias alcançadas através do exercício de planificação, o espectador é convidado a desvendar as exceções produzidas pelas regras criadas pelo artista.

SOBRE FÁBIO MIGUEZ

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez (1962, São Paulo) é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa

7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neo-expressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem a paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de fotos *Derivas*, que foram publicadas no livro *"Paisagem zero"* (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, onde a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, re combinando os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, manifestada em traba-

lhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série “*Atalhos*”, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série “*Volpi*”, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor ítalo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas. Fábio Miguez vive e trabalha em São Paulo.

SERVIÇO

Construtor de memória – Fábio Miguez

Até 17 de fevereiro de 2024

Nara Roesler, Ipanema, Rio de Janeiro

Rua Redentor, 241, Ipanema, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3591-0052

Horário:

segunda a sexta, das 10h às 19h;

sábado, das 11h às 15h

Entrada gratuita

info@nararoesler.art

<https://nararoesler.art/>

Fábio Miguez, *Sem título*, 2023

Foto: Flavio Freire



“AH, EU AMO AS MULHERES BRASILEIRAS!”



Milena Paulina, *O Grito*

Foto: Luiza Testa

Exposição coletiva estreia dia 2 no MAC Niterói e questiona a objetificação da mulher brasileira. A mostra, que reúne 34 obras feitas por mulheres de todo o país, já foi exibida em Nova York e São Paulo

Garota de Ipanema, Iracema, Capitu, Gabriela, as rainhas do carnaval... A mulher brasileira habita o imaginário coletivo como um ícone de sensualidade – com o corpo objetificado e hipersexualizado há muito tempo e em diversas esferas, especialmente na arte. *“Ah, Eu Amo As Mulheres Brasileiras!”* questiona esse “inevitável” ponto de vista ao oferecer outra perspectiva sobre a identidade feminina das mulheres do Brasil. A mostra tem curadoria de Luiza Testa e permanecerá em cartaz até 25 de fevereiro de 2024, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, o MAC.

Divididas em quatro núcleos, as obras reúnem instalações, fotografias, esculturas, vídeos, litogravuras, entre outras linguagens. Todos os trabalhos desafiam o corpo objetificado, por meio da sensibilidade de artistas brasileiras de diferentes raças, etnias, idades e perfis – nomes consagrados no Brasil e no exterior, além de novos expoentes, para diversificar ao máximo o olhar sobre a proposta.

Participam da mostra, Alice Ruiz, Arissana Pataxó, Berna Reale, Brenda Nicole, D'anunziata, Dalila Coelho, Fernanda Naman, Gabi Beneditta, Juliana Manara, Lenora de Barros, Mahuederu Karajá, Manuela Navas, Mari Nagem, Marta Neves, Milena Paulina, Micaela Cyrino, Nara Guichon, Raquel Pater, Santarosa Barreto, Terroristas del Amor, Vitória Cribb e Yacunã Tuxá.

“É um prazer, enfim, trazer a mostra para o Rio de Janeiro; a expectativa é que a gente possa discutir a sexualização da mulher brasileira, não necessariamente para chegar a uma conclusão, mas para refletir sobre

isso. Embora a gente saiba que hoje tudo está globalizado e a internet dá acesso à arte e a essa discussão, é importante levá-la para o mundo real”, diz a curadora Luiza Testa.



Mahuederu Karajá, *Boneca Ritxoco*

Foto: Luiza Testa

A exposição também vai dialogar com a localização – vista única para a Baía de Guanabara – e com as curvas da mulher brasileira, umas das maiores inspirações dos projetos arquitetônicos de Oscar Niemeyer, que projetou o MAC, inaugurado em 1996 e considerado uma das maravilhas arquitetônicas do mundo. Após temporada em Niterói, a mostra será exibida em outras cidades do país.

“Existe uma tradição que coloca o corpo feminino sexualizado como fonte de inspiração, algo mencionado inclusive pelo próprio arquiteto que projetou o prédio do MAC, Oscar Niemeyer, e isso não deixa de ser uma forma de objetificação. Assim, vamos levar isso para a exposição em forma de questionamento, além de abordar a relação do museu com a paisagem, trazendo obras inéditas como a da Nara Guichon, a boneca ritxoco de Mahuederu Karajá e da Fernanda Naman, que falam da ligação entre a mulher e a natureza como algo muito mais profundo do que simplesmente essa relação de curvas”, completa Luiza. A cada nova edição, a curadoria incluiu trabalhos inéditos, com novos pontos de vista para gerar discussões.

OS NÚCLEOS

O primeiro é **“De Iracema a Garota de Ipanema”**, que traz a origem do estereótipo da mulher brasileira sensual, remontando, entre outras referências, ao atroz processo de colonização que, sob o pretexto de civilizar, desumanizou mulheres indígenas, classificando-as como hipersexualizadas e selvagens. Nele, estarão reunidas obras de Arissana Pataxó, Camila D’anunziata, Lenora de Barros, Mari Nagem, Marta Neves e Nara Guichon.

Berna Reale, *Incontornável*
Foto: Luiza Testa



Arissana Pataxó, *Mulheres Xicrin*

Foto: Luiza Testa

Esse núcleo também aborda a relação com a natureza e a tradição masculina de equalizar a mulher à paisagem, uma grave objetificação.

“Violências e violações” é o segundo núcleo. Traz para o cerne da discussão as diferentes violências que as mulheres brasileiras estão submetidas, desde a colonização, passando pelo brutal período de escravidão, quando as africanas e suas descendentes foram – e são – vítimas dessa violência, de forma particular. *“Diante deste cenário nefasto, é natural que voltemos nosso olhar e esperança para a arte”,* diz Luiza Testa. Participam dessa unidade, Berna Reale, Camilla D’anunziata, Gabi Beneditta, Juliana Manara, Marta Neves, Micaela Cyrino, Santarosa Barreto e Yacunã Tuxá.



O terceiro segmento é **“Novas estéticas em construção”**. Apresenta uma perspectiva de renovação, com um olhar atento sobre as possibilidades. Constatam obras de Brenda Nicole, Dalila Coelho, Milena Paulina, Santarosa Barreto e Vitória Cribb. *“Esse núcleo fornece um cenário ligeiramente mais positivo, com obras realizadas por artistas comprometidas com o espírito de seu tempo e que colocam em prática a subversão dos papéis, desafiando as imagens de controle criadas por um sujeito – nesse caso, masculino e eurocêntrico – que domina a narrativa sobre determinados corpos e ainda responsabiliza as vítimas por isso”*, revela Luiza Testa no texto curatorial.



Vitória Cribb, @Ilusão

Foto: Luiza Testa

Encerrando a exposição, **“Afeto e transgressão”** transmite a ideia de afetividade como ferramenta de resistência e almeja um novo cenário com políticas públicas e de contenção à violência. Participam obras

de Arissana Pataxó, Juliana Manara, Lenora de Barros, Manuela Navas, Raquel Pater, Terroristas del Amor e Yacunã Tuxá. *“Algumas obras desse núcleo revelam momentos de intimidade – situações normalmente relegadas à vida privada – mas que, aqui, são colocadas sob o holofote do debate público de forma que as emoções não sejam associadas ao binômio fragilidade/mulher em oposição ao de força/homem”*, revela Luiza.



Yacunã Tuxá,
*Das magias do risca
faca ancestral*
Foto: Luiza Testa

SERVIÇO

Ah, Eu Amo As Mulheres Brasileiras

Abertura: 2 de dezembro

Visitação: de 2 de dezembro a 25 de fevereiro de 2024

Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Mirante da Boa Viagem, s/nº, Boa Viagem, Niterói / RJ

Horários:

de terça a domingo, das 10h às 18h (entrada até as 17h30)

Ingressos: R\$16 (inteira) e R\$8 (meia-entrada)

Os ingressos podem ser adquiridos na bilheteria, ou pelo Sympla

Link: <https://site.bileto.sympla.com.br/macniteroi/>

Mais informações em: <https://culturanniteroi.com.br/macniteroi/>



Foto: Divulgação

“RENATA CAZZANI:
PULSAÇÕES CROMÁTICAS”

Artista apresenta 20 pinturas inéditas na Galeria Patricia Costa, Rio de Janeiro, com curadoria de Vanda Klabin

Foto: Divulgação

A forma como Renata Cazzani decifra a equação entre medida, geometria e cor é uma característica marcante logo percebida em um primeiro contato visual estabelecido com suas telas abstratas, predominantemente de grandes escalas. No entanto, o olhar mais intimista sobre os planos de dimensões generosas, recortados por barras, permite captar detalhes que conduzem a pinceladas que se alternam entre a explosão e a minúcia presente em pequenos pontos de cor. O espectador é convidado a observar essas questões nas pinturas recentes da artista, produzidas entre 2022 e 2023, que estão apresentadas na exposição “Renata Cazzani: Pulsações Cromáticas”, que ocupa a Galeria Patricia Costa.

“Costumo pensar as cores dos meus trabalhos dividindo os quadros em linhas, sempre com uma forte influência da natureza sobre minhas escolhas e experimentos; busco inspiração nas tonalidades do mar, das plantas e das flores. Nesta nova série, o colorido se faz bastante presente através de uma gama de azuis, verdes e do bordô com suas derivações – algo pouco usado por mim até então –, além de algumas tintas metalizadas. Nessa mostra, as pinceladas estão ainda mais marcantes e perceptíveis, parte de um processo criativo que já vinha acontecendo e ficou mais pronunciado agora”, explica Renata Cazzani.

Para a curadora Vanda Klabin, “as obras recentes de Renata Cazzani ganharam autonomia e configuram uma



reflexão contínua, um mundo próprio. A tela esticada sobre o seu suporte concentra a ação da utilização de recursos aparentemente tradicionais – telas, tintas e pincéis. Sua gestualidade está diluída nas pinceladas,



Foto: Divulgação

mas deixa a marca de sua presença, atenuada nos procedimentos que adota para finalizar o seu processo de trabalho e, por vezes, apresenta traços reconhecíveis pela a aplicação da cor em grandes áreas, onde a artista não demonstra receio pelas cores fortes. Podemos observar como a substância cromática ganha espessura no trabalho no seu processo criativo: experimentar é manter viva a capacidade de ser atual e surpreendente, graças a uma espacialidade aberta e uma liberdade oriundas das suas intensidades cromáticas”.

A ARTISTA

Com uma trajetória artística iniciada aos 16 anos de idade, Renata Cazzani, que já expôs em Nova Iorque e no *Toyota Municipal Museum of Art*, no Japão, teve como mestres Celeida Tostes e Angelo Venosa, ao ingressar no Parque Lage nos idos dos anos 1980. Iniciou sua carreira na arte figurativa, usando tinta a óleo para reproduzir paisagens e regatas; depois, pintura abstrata, usando colagens e materiais diversos, como jor-

nal e areia aplicados sobre a tela. Em 1988, travou um embate entre a pintura e as instalações que fervilhavam na época e resolveu trabalhar com objetos que buscava no cotidiano: canos de PVC, tecidos em malha, tapetes emborrachados e vassouras. Participou, inclusive, de uma coletiva na EAV/Parque Lage com uma instalação em malha. Voltou a pintar nos anos 2000. Sua primeira individual aconteceu na Galeria Contemporânea, em 1990, com quadros mais matéricos.

SERVIÇO

Renata Cazzani: Pulsações Cromáticas

Até 21 de dezembro de 2023

Galeria Patricia Costa

Av. Atlântica, 4.240/lojas 224 e 225, Copacabana,
Rio de Janeiro / RJ – Tel.: (21) 2227-6929 / 98868-1993

Funcionamento: de segunda a sexta, das 11h às 19h;
sábados, das 11h às 17h

Classificação livre

Entrada franca

Contatos:

www.galeriapatriciocosta.com.br/ | [@galeriapatriciocosta](https://www.instagram.com/galeriapatriciocosta)

ULTRAMAR, de Kika Carvalho, na Casa Museu Eva Klabin, Rio de Janeiro



Fruto da parceria entre a Casa Museu Eva Klabin e o Instituto Inclusartiz, o programa de residência artística “ÉDEN” chega a sua segunda edição com a exposição da artista capixaba Kika Carvalho, a partir do dia 7 de dezembro

“*Ultramar*” reúne cerca de 20 obras, incluindo trabalhos inéditos, entre pinturas, cianotipias, instalações e colagens desenvolvidas a partir da profunda pesquisa da artista sobre a cor azul e a sua função nas relações materi-

ais, históricas e sociais ao longo dos séculos. A curadoria é de Lucas Albuquerque.

Para o curador, a oportunidade de trabalhar junto ao acervo da coleção da Casa Museu Eva Klabin permite pensar projetos curatoriais e de pesquisa capazes de deslocar a produção contemporânea para outros lugares de significação, ampliando o diálogo entre tempos e a fortuna crítica dos artistas convidados.

“A escolha do trabalho de Kika se dá justamente nesse lugar: possibilitar a revelação de dados inerentes ao seu interesse de pesquisa poética que por vezes se vê subli-



Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

mado pela velocidade do cotidiano. Nesse sentido, o período de pesquisa junto à coleção tão rica instaura outros tempos, tanto de produção como de percepção, que a artista, por sua vez, visa a subverter em

sua ocupação. Em um pensamento espiralar, promove novas leituras não só do presente, mas também do passado”, revela Lucas Albuquerque, que também é curador do programa de residências do Inclusartiz.

Natural de Vitória (ES), Kika Carvalho elegeu o azul como objeto de sua pesquisa, ora o relacionando com as paisagens da cidade-ilha onde nasceu e viveu boa parte de sua vida, ora com aspectos da história da pintura. Fazendo uso deste dado afetivo, Kika incorpora o azul como dado de uma memória fotográfica longínqua, que interpela não apenas suas lembranças pessoais como mulher negra, mas também a história

brasileira e suas relações além-mar, na grande Kalunga — palavra da língua banto que significa lugar sagrado, de proteção.

O conjunto de obras selecionado pela curadoria para integrar *“Ultramar”* conta com trabalhos atravessados pela vivência da artista em Luanda, capital da Angola, onde participou de uma residência artística em 2022. Para a exposição, Kika também preparou obras inéditas que refletem suas experimentações em outras técnicas para além da pintura, como a cianotipia e processos de fotografia analógica. Esses trabalhos propõem ainda um confronto entre a utilização simbólica da cor azul no Egito antigo e sua posterior valorização na imagem sacra cristã, por meio do diálogo direto com itens presentes no acervo da Casa Museu Eva Klabin.

“Eu produzi trabalhos específicos para essa mostra porque acredito que é uma oportunidade única de di-

alogar face a face com peças de uma cultura que contribuiu muito para a minha pesquisa e para o meu fascínio pela cor azul. É também uma ocasião oportuna para discutir sobre a história da arte e sobre a guerra de narrativas que cerca o deslocamento do Egito do continente africano”, diz a artista.

Idealizado pelo Instituto Inclusartiz e realizado na Casa Museu Eva Klabin, o programa *“ÉDEN”* tem como objetivo investigar a casa e a coleção resultante das oito décadas de colecionismo de Eva Klabin (1903-1991). A união das duas instituições se funda no desejo de convidar artistas contemporâneos para promover novas frequências dentro da casa e da coleção por meio da criação de trabalhos inéditos, feitos a partir da pesquisa realizada em conjunto com as equipes de curadoria e museologia. A primeira edição do programa aconteceu com a artista carioca Ayla Tavares — exposição *“USTÃO”*, realizada entre maio e julho de 2023.

Foto: Divulgação



SOBRE KIKA CARVALHO

Vitória, ES, 1992. Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ. Graduada em Artes Visuais (Licenciatura) pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Sua prática artística se materializa em diferentes suportes, técnicas e escalas, com uma pesquisa atenta em torno da cor azul, que pode estar relacionada tanto com as paisagens da cidade-ilha onde nasceu, como com aspectos da história da pintura. Sua obra é atravessada por questões ultramarinas de presença e ausência, tão caras à diáspora Atlântica. Sua produção também é entrecruzada por algumas experiências, como a prática de pintura urbana e a arte educação; além da participação em programas de residências artísticas, como: *Angola AIR – Espaço Luanda Arte* (2022); *Outra Margem* (2021); *Vila Sul – Instituto Goethe de Salvador* (2020); e *Malungas* (2018), com a artista brasileira Rosana Paulino.

SOBRE LUCAS ALBUQUERQUE

São João de Meriti, RJ, 1996. Vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ. Bacharel em História da Arte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e mestre em Processos Artísticos pelo PPGARTES/ UERJ. É curador independente e pesquisador, tendo sido curador-organizador da Galeria Aymoré (Rio de Janeiro). Atualmente, é também curador do programa de residências artísticas do Instituto Inclusartiz, estabelecendo conexões com artistas, curadores e pesquisadores entre o Brasil, Reino Unido, Holanda, Espanha e França. Realizou a curadoria das exposições *“Muamba: Brazilian Traces of Movement”* (2023), na *Ruby Cruel* (Londres, U.K.); *“O*

Sagrado na Amazônia” (2023), com Paulo Herkenhoff, e *“Gamboa: nossos caminhos não se cruzaram por acaso”* (2022), no Instituto Inclusartiz (RJ); *“USTÃO”* (2023), na Casa Museu Eva Klabin (RJ); *“Futuração”* (2021); e *“Bordas da ausência”* (2019), na Galeria Aymoré (RJ), além de outras individuais e coletivas.

SERVIÇO

Ultramar – Kika Carvalho

Casa Museu Eva Klabin

Av. Epitácio Pessoa, 2480, Lagoa, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 3202-8550

Abertura: quinta-feira, 7 de dezembro, das 18h às 21h

Período: 7 de dezembro a 25 de fevereiro de 2024

Visitação: quarta a domingo: 14h às 18h,

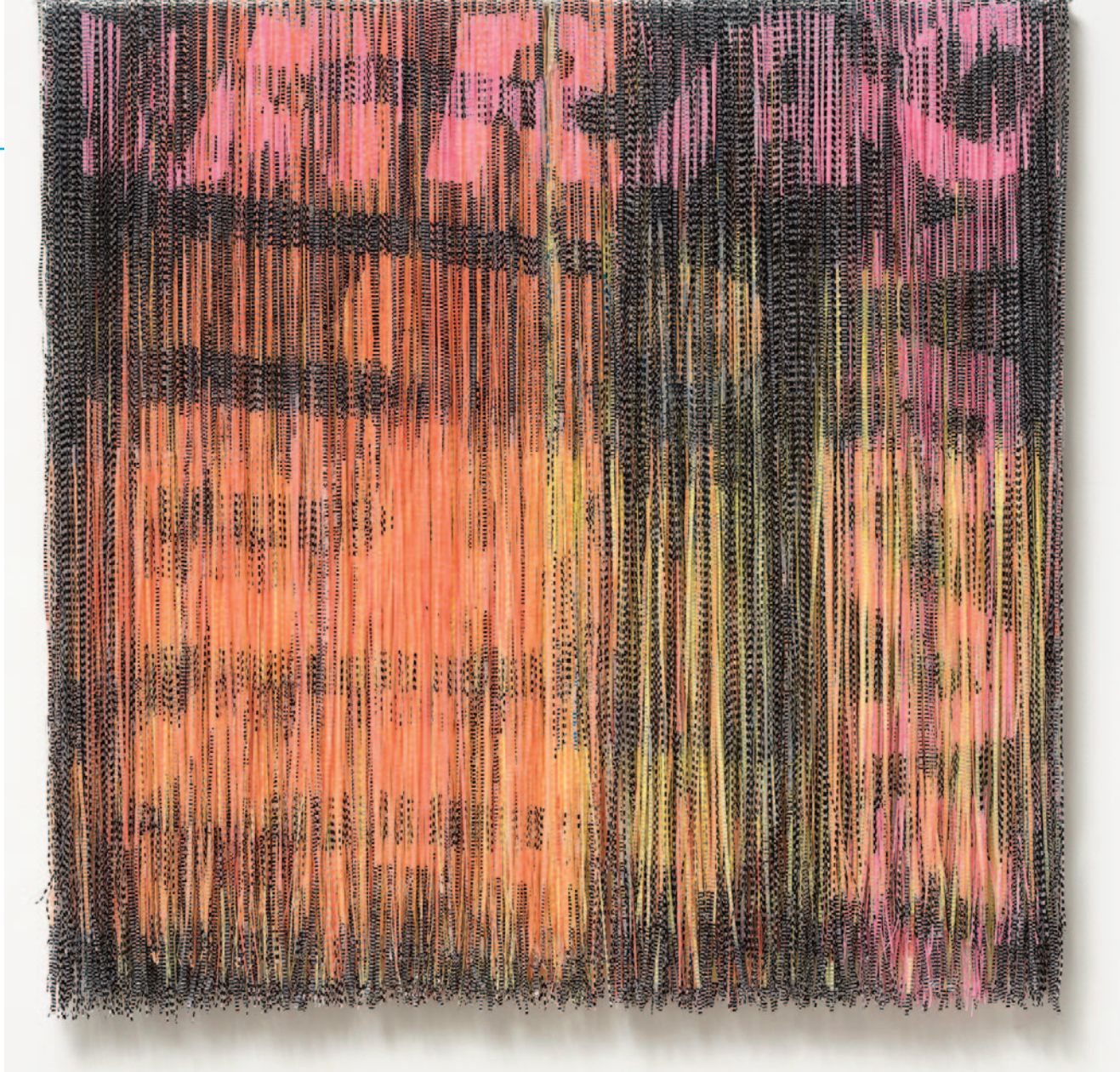
última entrada às 17h30

Livre e gratuito

<http://evaklabin.org.br>



Foto: Divulgação



Jarbas Lopes, *Faixas 2*, 2015

Foto: Edouard Fraipont

EIXOS, retrospectiva de Jarbas Lopes, na Pinacoteca de São Paulo

*Eixos abrange os mais de 30 anos de carreira do artista carioca,
com trabalhos interativos e esculturas no estacionamento da Pina Estação*

Com curadoria de Renato Menezes, mais de 100 obras do artista dividem-se entre o 4º andar do edifício Pina Estação e o estacionamento do museu, onde uma de suas obras mais emblemáticas, *O bem e o mal-entendido* (2006), está instalada.

Jarbas Lopes começou sua trajetória como artista no início dos anos 1990, interessado em reinterpretar e aprofundar as experiências da arte neoconcreta produzida nos anos de 1960 e 1970, dialogando com trabalhos de artistas como Hélio Oiticica e Lygia Clark.

Na Pinacoteca, o conjunto de obras que compõe a exposição, entre desenhos, pinturas, instalações, fotografias e proposições participativas, celebram o corpo, a rua e a natureza.

“Jarbas Lopes é uma figura incontornável entre os artistas de sua geração. Poucos artistas conseguem elaborar pensamentos tão sinuosos e tão abstratos quanto ele. A essa capacidade excepcional se soma também o seu pioneirismo nas reflexões entre arte e ecologia, e sustentabilidade e bem-estar social. A exposição apresenta tudo isso e convida os visitantes a encontrarem novos eixos, novas

formas de equilíbrio com o ambiente e com a comunidade”, afirma o curador.

A EXPOSIÇÃO

A mostra é dividida em quatro eixos conceituais em torno dos quais o trabalho de Jarbas Lopes se organiza. A exposição começa no estacionamento da Pina Estação, com o primeiro eixo, **“Desejo”**. O espaço recebe a escultura *O bem e o mal-entendido* (2006), uma combinação de dois fuscas que, associados, evocam o símbolo chinês do Yin e Yang, fazendo referência à complementaridade de opostos.

No 4º andar, a primeira sala tematiza a **“Flutuação”**, concretamente vista em um conjunto de trabalhos que pensa uma questão fundamental da arte moderna: o abandono da base enquanto categoria garantidora da natureza monumental da escultura. Entre os trabalhos, *O cubo flutuante*, realizado pela primeira vez no ano de 2017, ganha uma reprodução em escala monumental,

ocupando grande parte da galeria expositiva. Complementando a sala, uma pintura circular criada especialmente para a mostra, ajuda a dissolver as categorias tradicionais da pintura. Um conjunto de mais de 60 de-



Jarbas Lopes, *Bicicleta*, 2023 Foto: Edouard Fraipont

senhos da *Cicloviaérea* (2002), mostrados juntos pela primeira vez, podem ser vistos pelo público.

O terceiro eixo da mostra, **“Ambiente”**, explora o interesse de Lopes pela integração entre o trabalho artístico e a vida cotidiana, em obras que pensam como o corpo responde ao ambiente. *Um quarto para José Pedreiro* (1998), penetrável refeito especialmente para a exposição, discute as condições de habitabilidade do operariado, colocando dentro do museu um quarto feito de materiais precários como fitas plásticas, tijolos unidos por argamassa e chão de terra batida. *Passarela* (2023), obra interativa também desenvolvida especialmente para a mostra, convida o público a tirar os sapatos e caminhar por uma passarela de folhas, em um gesto de reconexão do corpo com a natureza.

Na última sala, o eixo **“Temperatura”** pensa a capacidade de transformação da matéria por meio da técnica.

Suspensa (2022-2023), obra recriada pela primeira vez no Brasil, é uma instalação no formato de uma fogueira, constituída de uma imensa rede tramada de arames, no centro da qual se acumulam troncos e galhos secos, exercendo um peso que tensiona os fios. Mais uma vez o recurso da suspensão aparece no trabalho do artista, que propõe uma reflexão sobre a desconfiança da noção de progresso e um retorno à natureza, como único caminho possível. O trabalho interativo *Desembola embola* (1996) transpõe o desenho para o espaço a partir da linha. A obra convida os visitantes a desembolarem um novelo de linhas

multicoloridas, nos quais se misturam resíduos de folhas e gravetos. O trabalho *Aparadores de luz* (2022) complementa o último núcleo.

O ARTISTA

Jarbas Lopes (1964, Nova Iguaçu-RJ) vive e trabalha em Maricá, RJ. Seu processo criativo é mobilizado pelo desejo contínuo de reconfiguração dos objetos e das experiências estéticas, dando-lhes um novo significado e movimento, sempre permeados por um tom crítico, em trabalhos que transitam pela pintura, escultura, performance e outras linguagens. Herdeiro direto do neoconcretismo, iniciou sua produção artística em 1990.

SERVIÇO

Jarbas Lopes: Eixos

Até 31 de março de 2024

Edifício Pina Estação – 4º andar

Largo General Osório, 66, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3335-4990

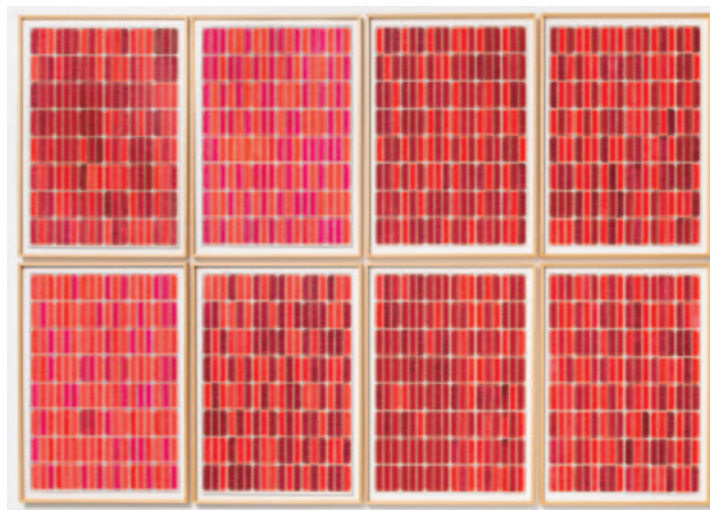
Horários e preços:

de quarta a segunda, das 10h às 18h (entrada até 17h);

Gratuito aos sábados;

R\$ 30,00 (inteira) e R\$ 15,00 (meia-entrada), ingresso único com acesso aos três edifícios – válido somente para o dia marcado no ingresso;

Quintas-feiras com horário estendido B3 na Pina Luz, das 10h às 20h (gratuito a partir das 18h)



Jarbas Lopes, *Eu sol (vermelho)*, 2021

Foto: Edouard Fraipont



“Corpo Formoso”, de Yoko Nishio, no Museu da República, Rio de Janeiro

Em sua primeira exposição individual, a artista carioca apresenta pinturas inéditas nas quais destaca os ornamentos nas ruas e nas pessoas, exaltando a relação entre corpo e cidade

Yoko Nishio, *Cabuçu*
Foto: Bruna Prado



Yoko Nishio, *Calolê 1*

Foto: Bruna Prado

As cores vibrantes de “Corpo Formoso” se espalham na Galeria do Lago, em 11 pinturas inéditas de grande formato, que chegam a medir 1,90cm x 1,90cm e têm como tema a relação entre o corpo e a cidade, destacando os ornamentos que Yoko Nishio vê nas pessoas e nos lugares, combinados às suas memórias e fabulações.

Entre as obras, a feirante de Vila Isabel, com sua tatuagem no braço; pai e filho arrumados para uma festa em Nova Iguaçu; corpos que caminham na multidão de Calolê, na Bahia; senhoras que conversam no bairro do Encantado, no Rio de Janeiro, e suas estampas combinadas com os ornamentos das fachadas; o bar em Madureira, cujos azulejos ornem com as roupas dos frequentadores; o homem que mostra orgulhoso a tatuagem com nome de seu filho no pescoço, entre muitos outros.

“O olhar interessado e atento de Yoko encontra nos anônimos que percorrem as ruas das cidades o objeto de seu interesse. O corpo se faz formoso porque é essencial. É necessário que a beleza e o cuidado prevaleçam sobre tudo que pode nos derrotar. Procurar a alegria das cores e estampas faz parte de uma cultura de sobrevivência que o olhar da artista captura e compartilha com a mesma alegria”, afirma a curadora Isabel Portella.

Yoko Nishio sempre teve na vida urbana e nas pessoas a inspiração para o seu trabalho artístico. “Minha pesquisa tem esse aspecto de campo, de andar, procurar, fotografar, conversar; o ateliê é só uma etapa de uma construção que começa muito antes”, conta a artista, que também é professora e pesquisadora. Os

trabalhos de Yoko sempre surgem na rua, e não foi diferente com esta nova série. Em Belém do Pará, ao ver uma pessoa ornamentada com diversas estampas, iniciou a pesquisa que deu origem às obras que são apresentados na exposição.



Yoko Nishio, *Vila Isabel 2*

Foto: Bruna Prado

Apesar de ter começado a série atual a partir das estampas, as obras abordam os ornamentos de forma geral. *“Não são apenas estampas. É também a pele, a tatuagem, além de acessórios, como brincos, colares, pulseiras, e ainda as cidades nas superfícies das casas, dos bares, nos pisos, nas grades”,* explica a artista. *“São*

muito corpos, é o meu corpo, o corpo do outro e o corpo da cidade”, conclui.

Para realizar suas obras, a artista vai para as ruas de diversas cidades e fotografa o que chama a sua atenção, tanto de maneira mais posada, como também colocando a câmera mais baixa, na altura do seu corpo, de forma a mostrar o que seu corpo está vendo. *“Nem sempre as faces me interessam; o estar entre os corpos, sim. Por isso, às vezes, há alguns cortes, a partir do posicionamento mais baixo da câmera, de modo que não pareça uma fotografia, mas o meu corpo andando e captando todos aqueles ornamentos”,* diz.

Com as fotografias, Yoko Nishio inicia as pinturas. Nesta série, optou por ser totalmente fiel às estampas, pintando-as exatamente da forma como encontrou nas ruas, mas criou novos cenários, *“Não quero que a pintura seja só uma reprodução fotográfica, por isso misturo os corpos, os lugares. Para que a pintura funcione, preciso escolher a relação entre figura e fundo”,* conta.

Durante a pesquisa, a artista lembrou do livro *“Ornamento e crime”* (1908), do arquiteto austríaco Adolf Loos, que afirmava que a ornamentação era uma prática de povos primitivos, de criminosos e de outros degenerados. Nos seus termos, as sociedades mais desenvolvidas e modernas deveriam rejeitar os usos da ornamentação na produção de suas roupas, casas e instrumentos.

“Hoje, seu argumento é compreendido como uma fala impregnada por preconceitos social-darwinistas, racis-



Yoko Nishio, *Encantado*



Yoko Nishio, *Madureira*



Yoko Nishio, *Santo Cristo*

Fotos: Bruna Prado

tas e coloniais. Ornar nos faz ver profundamente o cotidiano e onde está a resistência a ele; ornar desobedece a essas normatizações; ornar é incorporar o agir. E essa expressão do movimento do corpo atravessa a cidade. Eis um convite: azulejos, grades, tatuagens, vestidos florais, enfeites, chão, piso, pele. A cidade também é corpo e caminhar pelas ruas faz com que o corpo ganhe contornos, já que a vida urbana é feita das relações corpo-cidade”, afirma Yoko Nishio.

Para não associar seus trabalhos à teoria de Loos, a artista optou por usar no título da mostra a palavra “formoso” ao invés de ornamento. *“Quando comecei a pensar o que seria este corpo ornamentado, entendi que é um corpo que quer sorrir e cheguei na palavra formoso, adjetivo associado à beleza, a estar bem, a estar feliz. O corpo formoso é um corpo que sorri, que vibra, decora, para produzir alegria, felicidade. Isso não quer dizer que não tenha precariedade, dificuldade, luta ou tristeza”, diz a artista.*

SOBRE A ARTISTA

Yoko Nishio vive em Vila Isabel, leciona na Escola de Belas Artes da UFRJ e no seu ateliê, no Santo Cristo, zona portuária do Rio de Janeiro. Suas pinturas discutem cidade e violência; suas últimas exposições coletivas incluem *“Nem Sempre Dias Iguais”*, no Museu da República (Rio de Janeiro, 2022), *“No (Entre) Tempo*

das Imagens”, no Sesc Teresópolis (Rio de Janeiro, 2022), *“Brasil Delivery”* e *“Primavera Tua”*, ambas no Espaço Travessia, do Instituto Municipal Nise da Silveira (Rio de Janeiro, 2022), *“Salão Ver-ÃO”*, na Galeria Oasis, (Rio de Janeiro, 2022), *“Nas águas que se escondem”*, no Espaço Cultural dos Correios Niterói (Rio de Janeiro, 2019), *“9º Salão dos Artistas Sem Galeria”*, nas galerias Zipper e Sankovsky (São Paulo, 2018) e Orlando Lemos (Minas Gerais, 2018), *“Abre Alas 14”*, na galeria Gentil Carioca (Rio de Janeiro, 2018). Atualmente é representada pela Diáspora Galeria, localizada em São Paulo.

SOBRE A CURADORA

Isabel Sanson Portella é graduada em museologia pela UNI-RIO (1989-1992), com especialização em História e Arquitetura do Brasil pela PUC-RJ (1995-1996), Mestrado (1998-2000) e Doutorado (2006-2010) em Crítica e História da Arte pela Escola de Belas-Artes/UFRJ. Atualmente é Coordenadora e curadora da Galeria do Lago Arte Contemporânea do Museu da República (IBRAM).

SERVIÇO

Corpo Formoso, de Yoko Nishio

Abertura: 9 de dezembro

Exposição: até 10 de março de 2024

Galeria do Lago, Museu da República

Rua do Catete, 153, Catete, Rio de Janeiro / RJ

Tel.: (21) 2127-0324

Horário: de terça a sexta, das 10h às 12h e das 13h às 17h; sábados, domingos e feriados, das 11h às 12h e das 13h às 17h

TORNAR-SE ORLAN



ORLAN, *Tentativa de sair da moldura com o rosto descoberto nº 3* (*Tentative de sortir du cadre à visage découvert, nº 3*), 1966
Série *Corpos-Esculturas*

Panorâmica da artista performática reúne, no Sesc Avenida Paulista, uma série de obras protagonizada pelo seu corpo, desde a década de 1960 até os dias atuais, como fotos, vídeos, esculturas e instalações interativas com recursos de Inteligência Artificial

A primeira mostra individual de ORLAN em toda América do Sul, percorre as seis décadas de carreira da artista francesa, privilegiando mais de 60 trabalhos de uma produção atenta às questões latentes e tecnologias disponíveis de cada época. A exposição, com radical poética voltada ao feminino, a partir de uma perspectiva feminista, tem curadoria de Alain Quemin e Ana Paula Simioni. Inclui fotografias, vídeos e esculturas, desde performances seminais, como *Corpos-esculturas* da década de 1960, até *ORLANoide*, uma robô da artista constituída por Inteligência Artificial, que poderá interagir com o público em português, inglês e francês.

Desde 1964 a artista renuncia ao seu nome de batismo e adota ORLAN, obrigatório em letras maiúsculas, como um modo de contestar o enquadramento das mulheres à sociedade patriarcal, presente desde o nascimento pela adoção do nome paterno, depois, dos maridos. A partir dos princípios bem estabelecidos em seu manifesto *“Arte Carnal”*, ORLAN faz do corpo um *ready-made* modificado, isto é, um lugar de debate público. O corpo é matéria e suporte de uma estética de reinvenção da artista. Ao unir o estético ao político, ela investiga as formas de dominação ocidentais, atravessadas por práticas e valores normativos, como masculinidade, religião, marginalização cultural e racismo.

“Estimular a consciência crítica por meio da fruição artística representa, para o Sesc, instância fundamental de sua atuação educativa. Parte integrante dessa proposta, a investigação acerca da dimensão simbólica da corporeidade é tarefa essencial para a viabilização de corpos, tanto individuais quanto sociais, efetivamente diversos”, destaca Danilo Santos de Miranda, diretor do Sesc São Paulo.



ORLAN,
Nu descendant l'escalier avec talons compensés – contre-plongée avec tête, 1967
Série *Corpos-Esculturas*

No período dos anos 1970, ORLAN produziu performances, com destaque para *O Beijo da artista*, em que simula seu corpo como uma máquina de vender beijos. Nela, a partir de um pagamento módico, os visitantes podiam escolher entre acender uma vela para glorificar a efígie de Santa ORLAN ou beijar (com a língua) a própria artista. No mesmo período realiza uma série de ações em espaços públicos, *ORLAN-Corpos*.

Já na década de 1990, notabiliza-se pela obra *A reencarnação de Santa ORLAN*, para a qual se submete a nove cirurgias plásticas sob efeito de anestesia local para manter a consciência e dirigir o trabalho, transmitido via satélite para vários lugares, entre os quais as galerias de arte da Europa. Em algumas dessas performances, crânios, frutas e legumes estão incluídos no cenário; em outras, ORLAN lê textos ou faz desenhos com o próprio sangue. Os objetivos de tais trabalhos foram debatidos em seu *Manifesto de Arte Carnal* (*Manifeste de l'Art Charnel*, 1990). O que a interessa é “o processo operação-cirurgia-performance e o corpo modificado como tema de debate público”.

Dos anos 1990 aos 2000, ORLAN produz uma série de autorretratos “*Desfiguração-refiguração*” (1998-2022), em que seu rosto se mistura a outras culturas. As hibridizações, mais do que sobreposições de imagens, propõem uma verdadeira colagem de femininos, potencializada pela soma de referências, sejam elas ocidentais, não ocidentais, pré-colombianas, africanas ou asiáticas. Já em *Auto-hibridizações entre mulheres*



ORLAN, *Retrato nº 1 feito pela máquina-corpo quatro dias após a operação*, 25 de novembro, Nova York (*Portrait N°1 fait par la machine-corps quatre jours après l'opération*, 25 novembre, New York), 1993
Série: *A reencarnação de Santa ORLAN*

(2019) traz uma tiragem de fotos separada em atos denominados *As mulheres que choram estão com raiva*, nas quais dialoga com obras célebres de Picasso, mas invertendo a passividade de suas “musas”.

Em *ORLANoide* (2018/2023), criada por meio da *biohacking* (técnica que usa tanto a tecnologia quanto a biologia para formar humanos capazes de elevar seu desempenho corporal ao nível máximo), a artista convida o espectador a seguir as etapas de elaboração desta humanoide – autorretrato em escultura animada de ORLAN –, para entrar nos bastidores de sua fabri-



ORLAN, *Segundo Ato: As mulheres que choram estão com raiva, nº 10 (Acte 2: Les Femmes qui pleurent sont en colère nº10)*, 2019, Série: *Auto-hibridizações entre mulheres (Self-hybridations entre femmes)*

cação: da modelagem à inteligência artificial. A robô fala, canta, criando um espetáculo visual real e um *deep learning theater*. (deep learning ou aprendizagem profunda baseia-se em um conjunto de algoritmos relacionados ao *machine learning* e suas aplicações no mundo real são cada vez mais tangíveis).

Adaptada para a exposição no Sesc São Paulo, a *ORLANoide* utiliza tecnologias ainda mais atuais que possibilitam a interação com a artista em português, além do inglês e francês. O público pode interromper esse processo aproximando-se do microfone, pressionando o botão e mantendo-o pressionado pelo tempo necessário para fazer sua pergunta. Ao soltar o botão, a *ORLANoide* registrará a pergunta e responderá.

A exposição é realizada com o apoio da Embaixada da França no Brasil e o Institut Français.

SOBRE ORLAN

"Eu sou ORLAN, entre outros e na medida do possível. Meu nome está escrito em letras maiúsculas porque não quero entrar na fila, não quero me encaixar".

ORLAN, nascida na cidade industrial francesa de Saint-Etienne, é hoje uma das artistas visuais mais aclamadas internacionalmente. Ela vem criando continuamente há quase seis décadas.

Embora seu nome esteja associado principalmente à performance e às fotografias que dela resultam, seu trabalho não se limita a um único meio ou técnica. Além dessas modalidades, ORLAN trabalhou, e continua trabalhando, com pintura, escultura, colagem, vídeo, videogames, biotecnologia, inteligência artificial e até mesmo robótica. De todas as artistas francesas contemporâneas, ela é a que aparece com mais desta-



ORLAN em *A grande odalisca*, de Ingres (*ORLAN en Grande Odalisque d'Ingres*), 1977, Série: *Os quadros vivos* (*Les Tableaux Vivants*)

que nos livros didáticos internacionais de história da arte, especialmente naqueles dedicados à história da performance, da bodyart, da arte feminista e das novas tecnologias na arte.

Amplamente reconhecida internacionalmente, suas obras estão presentes em diversos museus do mundo, tais como na França no Centro Georges Pompidou, na Maison Européenne de la Photographie, no Fond National d'Art Contemporain, no Museu de Arte Moderna de Saint-Etienne e no Museu de Belas Artes de Nantes; nos EUA possui obras no LACMA County Museum of Art e no Getty Museum, assim como no National Museum of Art, em Osaka, Japão. Participou de inúmeras exposições internacionais, dentre elas a Bienal de Veneza (em 1986, 1993, 1997, 2007, 2009, 2013, 2017). Também foi objeto de muitas exposições monográficas, destacando-se apenas recentemente as seguintes mostras: *ORLAN EN CAPITALES*, na Maison Européenne de la Photographie, Paris, 2017; *MACRO, ORLAN Rétrospective*, Museu de Arte Contemporânea de Roma, 2017; *ORLAN TODAY* em Caen FRAC Normandie, (France), 2016 e *ORLAN / Hybridaciones y*

Refiguraciones, Museo de Arte Moderno de Bogotá, Colômbia, 2012. Atuou ainda como professora junto à École Nationale Supérieure d'Arts de Paris-Cergy.

Foi agraciada com diversos prêmios e condecorações, como Chevalier de l'Ordre National Du Mérite, prêmio outorgado pelo ministro da cultura François Mitterrand em 2010; e em 2013 o grande prêmio E-REPUTATION, por ser a artista mais procurada na internet naquele ano. Para saber mais consultar: <https://www.orlan.eu/>

SERVIÇO

Tornar-se ORLAN

Até 28 de janeiro de 2024

Sesc Avenida Paulista – Arte I – 5º andar

Avenida Paulista, 119, Bela Vista, São Paulo / SP

Tel.: (11) 3170-0800

Horários: terça a sexta, das 10h às 21h30;

sábados, das 10h às 19h30;

domingos e feriados, das 10h às 18h30

Classificação etária: 14 anos

Recursos de acessibilidade:

Mapa e objetos táteis, piso tátil, libras e audiodescrição

Gratuito – Aberto ao público

Site: sescsp.org.br/avenidapaulista



Foto: Divulgação

Marcelo Conceição: Deslocamentos e travessias
na nova Galeria no Museu do Pontal, RJ



Marcelo Conceição

Foto: Andrea Capella

Marcelo Conceição se autodenomina um garimpeiro urbano. Por onze anos, viveu nas ruas do Centro do Rio de Janeiro e sobreviveu vendendo em feiras populares objetos que recolhia em calçadas e avenidas do centro e da Zona Sul da cidade. Quando passou a criar esculturas com o fruto do seu garimpo, sua vida mudou. Atualmente, é reconhecido como artista, valorizado por colecionadores, saiu das ruas e inaugurou uma mostra individual no Museu do Pontal. A exposição *Marcelo Conceição: Deslocamentos e travessias* conta com mais de 100 obras, além de textos e vídeos, em que o artista fala sobre sua trajetória, os processos de criação e a importância da arte em sua vida. A mostra abre, ainda, um novo espaço na instituição.

– Os textos presentes são do próprio Marcelo. Ele é a melhor pessoa para falar de sua obra, que é muito

original, geométrica, com uma estrutura organizada e coerência interna. São peças que nos instigam. É um artista popular em virtude de sua situação socioeconômica, porque nasceu e vive em meios populares. Por isso, é lido por essa perspectiva. Afinal, arte popular não é uma categoria estética, mas sociológica – explica a diretora artística do Museu do Pontal Angela Mascelani.

Há quem compare as obras de Marcelo Conceição com a de outros artistas, mas ele garante que não tem referências no mundo da arte. Sua fonte de inspiração são os próprios materiais que recolhe na cidade.

– *A força dele se relaciona com esse momento que estamos vivendo, em que pensamos no excesso de consumo e no descartável* – diz o cenógrafo Jorge Mendes, curador da exposição e que conheceu o artista há cerca de seis anos, enquanto frequentava a Feira do Rolo, em São Cristóvão.

Integrante de uma família com 11 filhos, Conceição morava em Niterói, no Morro do Bumba, quando um deslizamento de terra soterrou a sua casa e matou um irmão e outros familiares e amigos. A tragédia o levou a viver nas ruas do Centro do Rio de Janeiro, onde adotou a rotina de caminhante urbano, recolhendo objetos pelos locais por onde andava. Passou a construir suas peças por sua observação das ruas e vender para os passantes. Atualmente, vive em um apartamento alugado em Niterói e suas obras estão em diversas coleções. Algumas delas estarão na exposição, como as obras dos colecionadores Fabio Settimi, Ana Maria

Chindler (Galeria Pé de Boi), Leonel Kaz, Paulo Tavares (Galeria GIM), Zaven Paré, além de acervo do próprio Museu do Pontal.

– *No início, as pessoas diziam que eu era um artista e isso me incomodava, por que eu achava que a arte tinha que ter um lugar especial, não podia ser no meio da sujeira. Era como se falassem mal dos artistas. Hoje, eu entro com minha arte em um Museu e isso é muito forte. Acredito que meu trabalho pode abrir caminhos para muita gente* – conta Conceição.

A exposição é sua quarta participação em mostras, mas a primeira individual de grandes proporções. As peças contam diferentes etapas de sua trajetória, muito marcadas pelo uso de diversos tipos de material.

– *A exposição do Marcelo Conceição é nossa segunda exposição individual, apenas. E não à toa com o Marcelo. Serão mais de 100 obras de diversas coleções que permitem um mergulho na obra de um artista que mesmo diante de uma trajetória de vida tão difícil, cons-*

tituiu um repertório de obras com uma expressão artística tão singular e potente, que se abrem a múltiplas interpretações – afirma o diretor executivo, Lucas Van de Beuque.

Durante a mostra, algumas peças estarão também à venda na Galeria Imaginária (GIM), loja de arte popular localizada no Museu do Pontal.

– *A arte popular costuma ser muito figurativa. O Marcelo não é isso. Ele constrói esculturas abstratas com muita facilidade e de forma muito bem feita. Sua obra é um ponto fora da curva* - afirma o colecionador Paulo Tavares, responsável pela GIM.

SERVIÇO

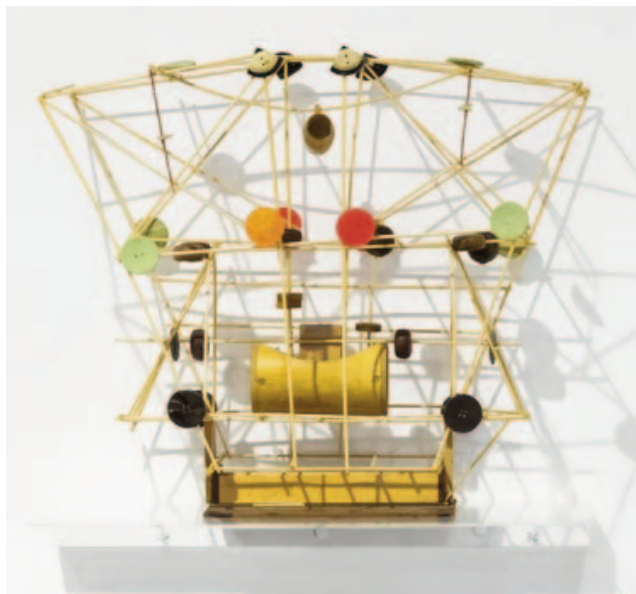
Marcelo Conceição: Deslocamentos e travessias

Até março de 2024

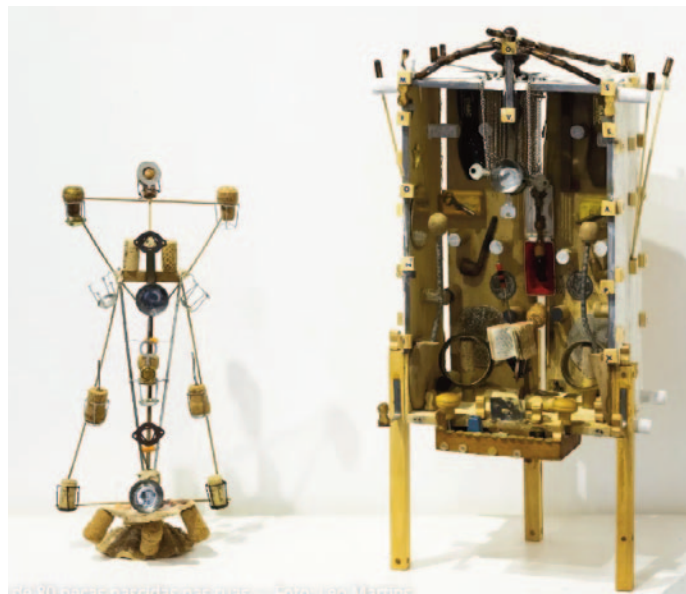
Museu do Pontal

Avenida Celia Ribeiro da Silva Mendes, 3.300,
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Horário: Aberto de quinta a domingo, das 10h às 18h
(o acesso às exposições se encerra às 17h30)



Fotos: Divulgação



ENTRONCADOS, ENROSCADOS E ESTIRADOS

Exposição inédita de Ana Holck, no Paço Imperial, RJ,
inaugura nova fase da trajetória da artista

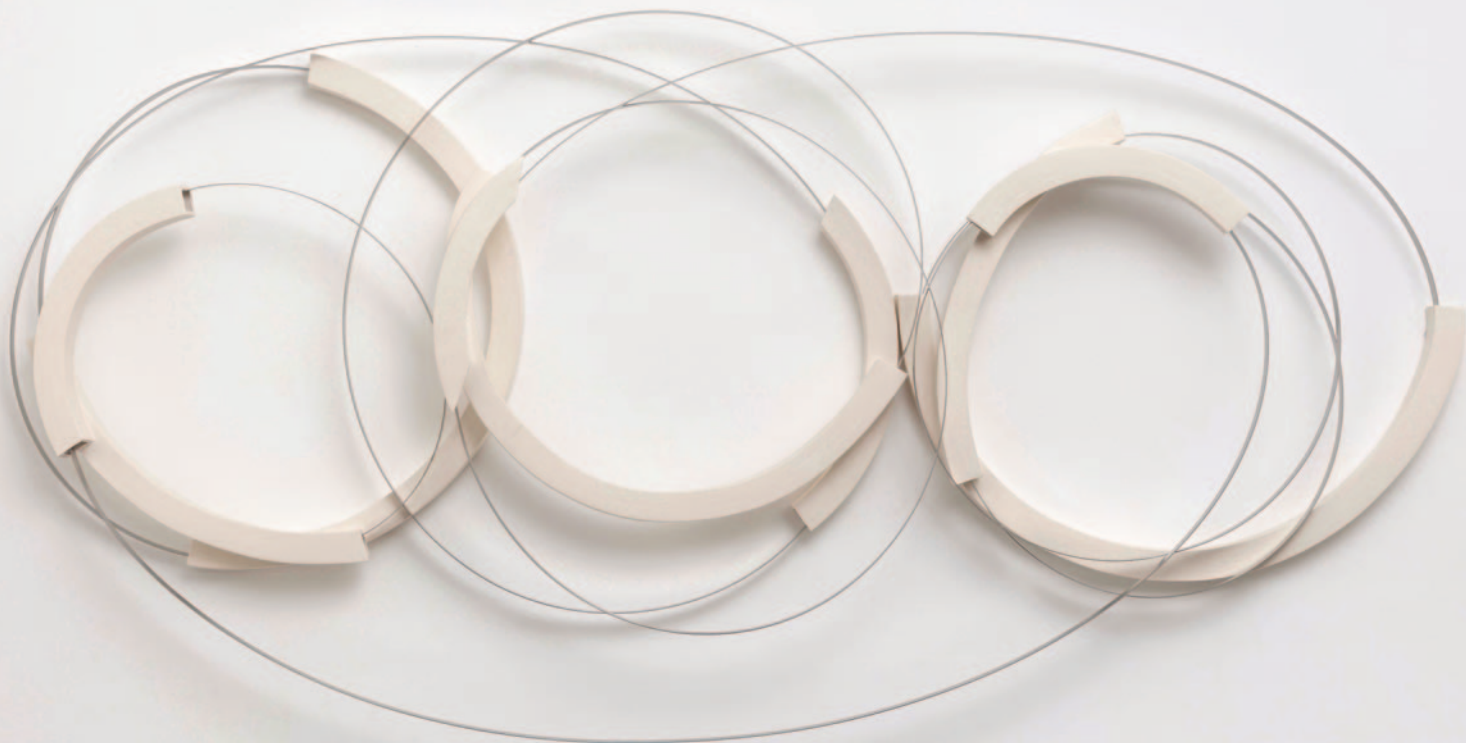


Foto: Pat Kilgore

*Com curadoria de Felipe Scovino, mostra apresenta obras inéditas em porcelana e aço inox
– materiais até então nunca utilizados pela artista carioca.*

*Resultado de novas pesquisas, os trabalhos das três séries que dão nome à mostra
transitam entre a ideia de pintura e escultura*

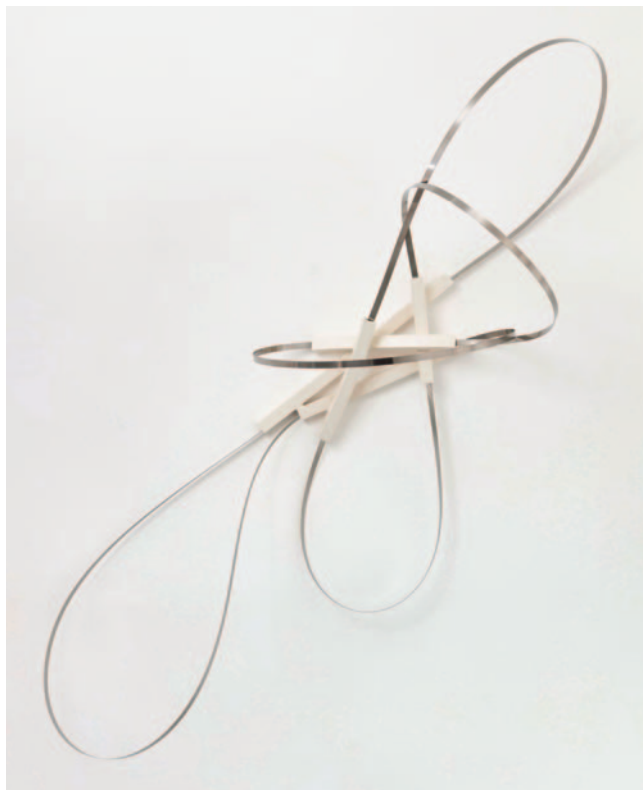


Foto: Pat Kilgore

Os oito novos trabalhos que compõem a exposição – em cartaz no Paço Imperial até 24 de março de 2024 – se aproximam muito dos temas sobre os quais a artista vem se debruçando desde o início da carreira: a cidade, o urbano, a arquitetura e a construção civil. No entanto, se nas obras anteriores Ana Holck utilizava materiais pré-fabricados, industrializados, como blocos de concreto, tijolos e vinis adesivos, nessa nova fase ela surpreende e apresenta obras realizadas com materiais mais maleáveis.

“Os objetos criam uma situação transicional, variam entre serem bidimensionais e tridimensionais, colocando-se de maneira duplamente vetorizada, ou seja,

têm uma proximidade com a pintura – não só pelo fato de estarem presos à parede, mas especialmente pela grafia dos trabalhos – e, ao mesmo tempo, não deixam de ser uma escultura”, afirma o curador Felipe Scovino.

A artista conta que resolveu percorrer novos caminhos, com obras que passeiam pela ideia da escultura e da pintura. – *Não sou ceramista, a porcelana é um novo “instrumento” para fazer escultura e sempre quis juntá-la com outros materiais* – revela Ana Holck, que utilizou fitas maleáveis de aço inox com tubos de porcelana para criar as novas obras. Formada em Arquitetura e Urbanismo, evidencia em seus trabalhos muitas questões ligadas a sua formação, mas de modo diferente. – *Minha percepção do espaço com base na temporalidade da experiência vem da arquitetura, mas procuro desconstruir o que aprendi, aceitando o improviso, o acaso, o acidente* – diz.

Apesar do encanto pela utilização dos novos materiais, Ana Holck encontrou na cerâmica um desafio às suas obras monumentais, que marcam sua trajetória. E a solução para aumentar a escala se deu a partir de peças que se encaixam, com módulos e repetições. O aço inox entrou como um elemento de ligação. – *Esse metal que utilizo é maleável, dá estrutura, o que me atraiu bastante. Os “arranjos” dos tubos de porcelana geram um núcleo a partir do qual o metal se expande no espaço, gerando um desenho que não é muito controlado, no qual há um dado de surpresa* – conta a artista.

Os tubos de porcelana, por sua vez, não resultam do processo “feito à mão” da cerâmica: Ana Holck o sub-



Foto: Pat Kilgore, detalhe

verte, transformando a porcelana em tubos de bitolas regulares, pré-estabelecidas, através de uma prensa chamada extrusora. – *A passagem pelo equipamento apaga as digitais deixadas pela manipulação do barro, tornando-o impessoal, indo contra sua natureza moldável e imprimível* – ressalta. Além disso, os materiais são afastados de sua funcionalidade original: a cerâmica, que em seu uso cotidiano costuma conter algo, em potes, vasos e louças, aqui torna-se passagem para o metal, que cria desenhos no espaço.

Esses desenhos, por sua vez, criam um jogo de luz e sombra. – *A incidência da luz sobre os trabalhos projeta*

uma sombra, reforçando a ideia de dinâmica e de velocidade das três séries, além de causar uma sensação de prolongamento dessa grafia no ambiente, criando desenhos no espaço – afirma o curador Felipe Scovino. Ele destaca ainda que, apesar de não serem trabalhos cinéticos, a essência de dinamismo e velocidade explora esse aspecto. E ressalta também que, nesses trabalhos, há uma referência ao construtivismo russo e ao minimalismo norte-americano.

AS SÉRIES

Entroncados – Esculturas feitas a partir da junção aleatória de partes de tubos de porcelana com uma

única fita de aço inox, gerando um inesperado desenho no espaço. – *Antes frágil, a porcelana é agora testada pela força da mola da fita de inox, que percorre e tensiona o tubo de cerâmica, a parede, o ar. A passagem de uma única fita de metal que percorre os tubos gera um segundo desenho, não premeditado* – conta a artista, que vê neste título a questão urbana, sugerindo vias que se entroncam.

Enroscados – Trabalhos caracterizados pela repetição de módulos curvos, onde a fita de metal completa os desenhos circulares sugeridos pelos tubos em porcelana. – *Nessa série há um movimento repetitivo e obsessivo do metal percorrendo os tubos como calhas, que cumpre o papel de errar, desviar, sair do eixo. Me interessa a repetição dos elementos e sua organização no espaço* – afirma Ana Holck.

Estirados – Série relacionada com a primeira, mas composta por elementos lineares, criando uma tensão maior

entre a rigidez da cerâmica e a maleabilidade do metal. Ao longo do período da exposição, será lançado um catálogo em formato e-book.

SOBRE A ARTISTA

Ana Holck (Rio de Janeiro, 1977) é formada em Arquitetura e Urbanismo pela FAU/UFRJ (2000), com Mestrado em História pela PUC-Rio (2003) e Doutorado em Linguagens Visuais pela EBA-UFRJ (2011). Inicia sua trajetória nos anos 2000, com instalações de grande formato, entre as quais, *Elevados*, no Paço Imperial (2005), *Bastidor*, no CCBB RJ (2010) e *Splash*, no SESC Pinheiros (2010). Entre suas principais mostras individuais estão *Perimetrais*, MdM Gallery, Paris (2013); *Perimetrais*, Zipper Galeria, São Paulo (2012); *Ensaio Não Destrutivos*, Anita Schwartz Galeria, Rio de Janeiro (2012); *Os Amigos da Gravura*, Museu da Chácara do Céu (2010). Entre as coletivas estão: *Mulheres nas coleções João Sattamini e MAC Niterói* (2012) *Lost in Lace*, no Birmingham Museum and Art Gallery, Inglaterra.

Fotos: Pat Kilgore





terra (2011); e *Nova Arte Nova*, CCBB RJ e SP (2008/2009). Possui obras nos acervos do Itaú Cultural, Pinacoteca do Estado de São Paulo, MAM Rio e São Paulo, MAC Niterói, entre outros. A artista está no recém-lançado livro *“Remains – Tomorrow: Themes in Contemporary Latin American Abstraction”*, organizado por Cecília Fajardo-Hill.

SERVIÇO

Entroncados, Enroscados e Estirados, de Ana Holck

Abertura: 2 de dezembro, de 12h às 17h

Exposição:

até 24 de março de 2024

Paço Imperial

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Horário: terça a domingo, das 12h às 18h

Entrada gratuita

Na Tate Britain, HAPPY GAS, retrospectiva da provocativa SARAH LUCAS

Texto e fotos: Maria Hermínia Donato



Nos anos 90, Sarah Lucas desafiou convenções e normas sociais com sua abordagem destemida e provocativa ao produzir obras sobre temas como sexualidade, feminismo e natureza corpórea da nossa existência. A exposição *Happy Gas*, na Tate Britain em Londres, serve como testemunho de sua trajetória no mundo da arte, reiterando a força dos trabalhos da artista que escandalizou o público ao chamar a atenção para o olhar predatório masculino no início de sua carreira.

Lucas é reconhecida como um dos membros mais proeminentes dos Jovens Artistas Britânicos – *Young British Artists (YBAS)*, termo cunhado em 1996 na revista *Art Monthly* – ao lado de Damien Hurst, Tracey Emin, Angus Fairhurst e Michael Landy. Há pouco mais de 30 anos, a artista leu os trabalhos de Andrea Dworkin (1946-2005), escritora americana, ativista, feminista, conhecida por sua análise de pornografia e a violência sexual masculina con-

Sarah Lucas, *Sex Bomb*, 2022

tra as mulheres. Consta que essa leitura despertou Lucas para o feminismo, criando obras que subvertiam a linguagem machista dos tabloides britânicos.

Em *Fat, Forty and Flab-ulous* (1990) exibe imagens de mulheres despidas para serem consumidas pelo olhar masculino do leitor do jornal *Sunday Sport*, questionando a objetivação do corpo feminino. Para alguns críticos, a influência de Dworkin fez Lucas despertar para o feminismo. Na verdade, segundo ela, descobriu simplesmente que existem maneiras diferentes de olhar para qualquer coisa.

Sarah Lucas, *Slag*, 2022



Na retrospectiva, que fica em cartaz até 14 de janeiro, a primeira sala é dedicada à memória do início da carreira de Sarah Lucas. E apresenta alguns de seus primeiros trabalhos, entre os quais, o emblemático *The Old Couple* (1992) – duas cadeiras: no assento de uma há uma dentadura postiça, na outra um vibrador. *Hysterical Attack (Eyes)*, *Max's Wanking Armchair* e *Bunny* também compõem o espaço.

No segundo espaço, uma longa galeria, encontra-se grande coleção de *Bunnies* (as coelhinhos icônicas da artista) de várias idades, durante os 25 anos de suas

Sarah Lucas, *Goddess*, 2022





Sarah Lucas, *Cherry*, 2023

existências. Essas esculturas que, segundo Lucas, surgiram quase acidentalmente, hoje são obras seminais, figuras esquisitas sentadas em diferentes cadeiras com múltiplas pernas e braços, feitas de meias de nylon que se transformam em pele nos corpos provocadores, inocentes ou desesperados. Cada uma conta a sua história, faz a sua performance. *Sex Bomb*, *Slag*, *Goddess*, *Fat Doris* e *Honey Pie*, entre outras, são as musas de Sarah Lucas.

As *Bunnies* estão expostas como numa galeria clássica de esculturas: as paredes de cimento têm um lado coberto com imagens de Lucas numa pose erótica comendo uma banana. Uma provocação ou humor?

Para Sarah Lucas a cadeira pode servir para vários propósitos, trocar uma lâmpada, apoiar portas abertas e até mesmo para fazer sexo. Sua presença é constante na sua prática pelas possibilidades metafóricas e seu significado cotidiano.

Na retrospectiva, Lucas projetou cada detalhe: esteve presente durante todos os dias da montagem, opinando sobre tudo, do suporte para as esculturas ao local de cada obra, até se satisfazer com o resultado o final. As esculturas dos gatos pretos, por exemplo, passeavam pela exposição levados por Lucas até encontrarem seus lugares um pouco antes da abertura.



Sarah Lucas, *Zen Lovesong*, 2023

Em 2015, Lucas representou o Reino Unido na Bienal de Veneza com uma série de esculturas em gesso de pares de pernas que são graciosamente animadas através de sua combinação com o suporte de mobiliário doméstico e moldadas a partir do tronco inferior de Lucas e várias de suas amigas. Parte desse trabalho está presente na exposição celebrando amizade, colaboração e alegria.

A última galeria exhibe o contraste da feminidade das *Bunnies* com a presença de um carro Jaguar queimado, cortado ao meio, cujo capô, assento e laterais estão decoradas com cigarros. Uma crítica à vaidade masculina?

As fotos nas paredes, clicadas por seu parceiro Julian Simmons, mostram Sarah Lucas envolta em nuvens de

cigarros. Visão dos prazeres infernais dos hábitos autodestrutivos.

A exposição mostra a trajetória de sua carreira, evolução de seus temas e a similaridade de sua prática. *Happy Gas* fica até 24 de março na Tate Britain.

Sarah Lucas é uma artista britânica contemporânea conhecida por suas fotografias, performances e esculturas cinestésicas. Apropriando-se de materiais comuns, a artista cria comentários inflamatórios sobre sexualidade, morte e gênero. Nascida em 1962 em Londres, Reino Unido, estudou no *Working Men's College*, no London College of Printing e no *Goldsmith's College*,

onde recebeu seu bacharelado em 1987. Ganhou destaque e foi aclamada pela crítica no final dos anos 1980. Seu trabalho foi exibido no *Walker Art Center* em Minneapolis e no *Tate Liverpool*. Em 2015, Lucas representou o Reino Unido na Bienal de Veneza, onde exibiu sua polêmica instalação *I SCREAM DADDIO* (com objetos domésticos integrados nas esculturas, falos, o nud, páginas de tablóides, banheiro e pontas de cigarro, “principalmente para estimulação suave de tipo sexual”, como declarou à época). A artista atualmente vive e trabalha em Londres. Suas obras estão nas coleções do Museu de Arte Contemporânea de Chicago, do Museu de Arte Moderna de Nova York e do Centro Georges Pompidou de Paris.



Foto: Reprodução, site da artista

Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.
ANUNCIE.
Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com
(21) 3807-6497 / 97326-6868